

# Convocada Para 13 de Abril a Conferência de Defesa da Amazônia



Imprensa

# POPULAR



Diretor: PEDRO MOTTA LIMA

ANO VIII

RIO DE JANEIRO, DOMINGO, 6 DE MARÇO DE 1955

Nº 1.444



O aumento da  
gasolina é uma  
calamidade

(LEIA NA 2ª PAG.)



Aminto Nogueira da Gama,  
atacadista de gêneros al-  
imentícios: "o aumento da  
gasolina será uma calamidade"



Adolfo Gomes da Silva,  
comerciante varejista: "vai ser  
uma desgraça para o nosso  
país, a majoração dos com-  
bustíveis"



Adail Lourenço, estabeleci-  
do com tinturaria: "os preços  
em meu ramo de negócios  
serão atingidos com o au-  
mento pleiteado"

O Cel. Armando Serra  
de Menezes, que se vê  
na fotografia acima,  
candidato do povo mar-  
anhense à senadoria  
para derrotar o vende-  
pátria Chateaubriand,  
recebeu o homenage-  
miento da  
colônia  
maranhense no Rio.

PAG.  
3

## DEPENDE DA PANAIR O FIM DA GREVE

Prometeu o Sr. Paulo Sampaio responder ao Ministro do Trabalho, até à noite de ontem, à decisão da Comissão de Greve dos Pilotos.

O SR. PAULO SAMPAIO  
Presidente da Panair do Brasil, pediu ao Ministro do Trabalho prazo até às 21 horas de ontem, para dar a resposta da empresa à decisão da Comissão de Greve dos Pilotos de aceitar a última proposta da companhia para cessação da greve que completou ontem o seu 51º dia.

Até o momento de encerrarmos os trabalhos desta edição, ainda não eram conhecidos os resultados dos entendimentos, visando o término da mais longa greve na aviação comercial do Brasil.

### A DECISÃO DA COMISSÃO

A Comissão de Greve reuniu-se ontem, no auditório da volta de 130 comandantes e co-pilotos no trabalho, ficando afastados da empresa 12 grevistas, além do comandante Roque, em virtude de suas negociações com a Panair, dirigidas pelos Ministros do Trabalho e da Aeronáutica. Infeliz igualmente nessa decisão, a ameaça de desemprego em massa que paira sobre centenas de trabalhadores da Panair, especialmente sobre os de maior tripulação.

Nu assembléa que os pilotos realizaram ontem, a votação

CONCLUI NA 2ª PAG.

# DUPPLICARÁ EM MESES A CARESTIA DA VIDA

Nova lei de licença-prévia, atra veja em silêncio os últimos trâmites legais, e quando posta em vigor elevará drásticamente o preço de todos os produtos importados — Gudin e Café planejam a maior sangria jamais realizada na bolsa do povo

O GOVERNO CAFÉ FILHO prepara um novo e tremendo tiro inflacionário, desta vez usando as armas do mais grosso calibre do arsenal do Ministério da Fazenda. Inatisfeito com as últimas violentas altas no custo da vida, e logo em seguida ao aumento no preço da gasolina, que custará ao povo um excesso de despesas da ordem de 8 bilhões de cruzeiros, os guitarristas do Catete porão em prática, dentro de poucos dias, o seu mais espetacular assalto à economia popular.

**GOLPE DE MAGICA**  
Trata-se da nova lei de licença-prévia, que prevê a extinção do vigente sistema de águas e sua substituição por um mecanismo de tal modo engenhoso que elevará drásticamente o preço de todos os produtos importados no dobro de seu nível atual. Por esse processo, que atravessa em silêncio CONCLUI NA 2ª PAG.

## SAUDAÇÃO DE MARTA ROCHA AOS LEITORES DE IMPRENSA POPULAR

Mo mês da Imprensa Popular eu saúdo os leitores de vibrante e combativo orgão da imprensa demócrata.  
Marta Rocha  
Miss Brasil  
Rio, 4 de Março de 1955



Marta Rocha, por ocasião da homenagem que lhe prestou o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio de Janeiro, auto-gravou a seguinte mensagem dirigida aos leitores de nosso jornal: "No 'Mês da Imprensa Popular' eu saúdo os leitores desse vibrante e combativo orgão da imprensa demócrata." Marta Rocha, "Miss Brasil", Rio, 4 de março de 1955.

## VAI SER ENTREGUE À «INFISA» O BANCO DO ESTADO DO RIO

Modificações nos estatutos do estabelecimento de crédito para que se consuma o atentado

O Banco do Estado, estabelecimento oficial do Governo do Estado do Rio, está realizando assembleias para aprovação de novos estatutos.

### Conversando Com o Leitor

NOSSO «Mês da Imprensa Popular» tem por objetivo o aumento do difusão de notícias que devem alcançar em determinado prazo o nível dos grandes matutinos do Distrito Federal: 100.000 exemplares diários. Com tal propósito, estamos contando com os amigos e leitores, na medida de suas possibilidades, de contribuir a difundir a imprensa de que estão possuídos os ativistas de nossa campanha.

Entretanto, sendo como é a batalha de difusão, aspecto primordial do movimento em que nos juntamos, o povo, há que não perder de vista um objetivo de tamanha importância, como a ajuda financeira. Que faremos sem uma ampla difusão da campanha, é óbvio, é de absoluta certeza, diante do entusiasmo e do impulso de que estão possuídos os ativistas de nossa campanha.

Entretanto, sendo como é a batalha de difusão, aspecto primordial do movimento em que nos juntamos, o povo, há que não perder de vista um objetivo de tamanha importância, como a ajuda financeira. Que faremos sem uma ampla difusão da campanha, é óbvio, é de absoluta certeza, diante do entusiasmo e do impulso de que estão possuídos os ativistas de nossa campanha.

Contribuímos, qualquer que elas sejam, em dinheiro, em objetos de valor ou materiais usados que possam ser convertidos em dinheiro, verbas de assassinatos, anúncios, etc. etc. Tudo enfim que possa resultar no aumento de nossa receita, o que esperamos conseguirmos de dia 13 de março.

Proposta que foi publicado em nossas colunas o lançamento da presente campanha, temos recebido alguns comentários, mas ainda são muito poucos, o que é natural, visto que necessitamos para as rádios e para os jornais da verdadeira paz.

Conquistemos novos leitores, ampliemos a circulação do nosso jornal, mas não nos surcemos de ganhar novos amigos, novas e bons amigos, a partir dos jornais da verdadeira paz.

tutatos. A estranha e repentina medida está sendo tomada a fim de enquadrar o funcionamento do Banco de acordo com o contrato assinado entre aquele estabelecimento de crédito e a INFISA. Por outro lado, as funções de Presidente do Banco são limitadas, restringindo-se as suas atribuições. O órgão máximo é o Conselho de Operação, que exerce todo o poder para decidir sobre as operações financeiras do estabelecimento.

Como se vê, as exigências da organização internacional foram de tal vulto que se tornou necessário mudar os estatutos do Banco. Através do contrato, trânsito pelo Governador Amaral Peixoto, o estabelecimento de crédito do Estado fica nas mãos dos especuladores da INFISA.

**CONFIRMADA A  
DENUNCIA**  
Pelos novos estatutos, a

composição da diretoria do Banco foi ampliada, criando-se os cargos de diretor-secretário e diretor — financeiro, cargos esses confiados a elementos do grupo INFISA. Por outro lado, as funções de Presidente do Banco são limitadas, restringindo-se as suas atribuições. O órgão máximo é o Conselho de Operação, que exerce todo o poder para decidir sobre as operações financeiras do estabelecimento.

O contrato firmado com a INFISA não obriga esses especuladores internacionais a darem assistência financeira ao Banco, mas, ao contrário, lhes assegura vantagens, como o controle de dois cargos importantes de direto-

(CONCLUI NA 2ª PAGINA)



Todos os dias em todas as mãos! — 6º/feira sil-  
t i m a , quando vieram reservar suas cotas para os comandos de  
quando vieram reservar suas cotas para os comandos de  
hoje e transmitir as experiências da venda-gigante de  
domingo último, estes amigos e leitores da IMPRENSA  
POPULAR fizeram questão de que registrassem a visita  
com uma foto expressiva do entusiasmo de que estão  
possuídos para tornar vitorioso o "Mês da Imprensa Popular". Assim estarão hoje, eles e muitos outros, pelas  
ruas da cidade, levando a dezenas de milhares de mãos,  
o jornal da verdade e da paz.

## GALLOTI ESBANJA DINHEIRO DO PORTO

A APRJ transformada em cabide de empréstimo — Aviso de que não há vaga apenas para quem não tem pistolão — O ex-senador por Santa Catarina gasta com afilhados o dinheiro que deve aos portuários

QUEM CHEGAR ao elevador do Escritório central da administração do Porto do Rio de Janeiro encontra fixado e bem à vista este aviso: «INÚTIL NÃO HA VAGA! NAO IN-  
SISTIA!». Trata-se, porém, de um aviso dirigido apenas a que não têm pistolão, visto que o Sr. Benjamin Galotti, transformou seu gabinete numa autêntica agência de empréstimos.

**CABIDE DE EMPRÉSTIMOS**  
Em reportagem anterior, denunciamos que o Sr. Galotti admira 145 funcionários interinos, em apenas 3 meses de sua gestão. Pôs bem, no mês de fevereiro último, ele resolveu bater seu próprio recorde, fazendo 161 admissões em apenas 28 dias, ou seja, uma média de 5 admissões por dia.

CONCLUI NA 2ª PAG.

## JUSCELINO PATROCINA O "ENTREGUISTA N.º 1"

Para ele o vende-pátria Chateaubriand honra o Parlamento de qualquer país — Cheira a petróleo a barganha da senador maranhense

PARA DIVERSOS fatores independentes de sua vontade, a candidatura do Sr. Juscelino Kubitschek, em determinado momento, assumiu um caráter inesperado. A intervenção desbrida do Governo federal e de Generais políticos no jogo sucessório, o voto ilegal ao direito do PSD, escolher livremente o nome de suas preferências, para apresentá-lo ao eleitorado, fizeram com que beneficiasse, sem indiretamente o Governador mineiro, os esforços conjugados de todos quantos defendem as franquias constitucionais. Os méritos ou deméritos do ocupante do Palácio da Liberdade tiveram, naquele instante, importância secundária. Não sua figura, mas um princípio, estava em jogo.

**CONTINUADOR DO QUE  
ESTA**  
Gracias à resistência das diversas forças democráticas

tende continuar, se eleito, a democrática e antipopular que já executa em Minas. JUSCELINO, EM MINAS  
Passemos a alguns exemplos.

Em Minas Gerais, não pode desenvolver suas atividades.

CONCLUI NA 2ª PAG.

## LEIA TERÇA-FEIRA NA "IMPRENSA POPULAR"

A situação Internacional e a Política Exterior da U. R. S. S.

O importante Informe apresentado por V. M. Molotov, ante o Soviet Supremo da URSS.

## A LUTA DOS TRABALHADORES FAVELADOS

QUE A POPULAÇÃO laboriosa dos morros, que tem do seu lado a lei, se prepara para a defesa de seus lares. O Sr. Marcondes Filho, o antigo Ministro do Trabalho do Estado-Novo, que fazia demagogia radiofônica diária, encorajou a parecer para fundamentar as invasões das favelas. Recorrendo ao consultor Jurídico do Ministério da Justiça, que é o antigo chefe provincial do nazi-integralismo no Rio Grande do Sul, o camisa-verde Anor Butler Maciel, Marcondes acolheu seus pontos-de-vista e val orderedo novo.

Estamos sob o regime de direito de ordem de determinado aos humildes, regime das tentativas secretas de atomizar o povo para melhor subjugá-lo. Um trabalhador favelado, para os Srs. Café, Júnior, Eduardo, Marcondes, não pode ter Barraco não é casa. Tudo isto dir o parecer estapafúrdio e monstruoso para justificar a violência organizada, as vergonhosas batidas dos Coronéis fascistas Geraldo Córtes, Urubá de Magalhães e Gracis Lessa. Para isso Marcondes chamou para o seu gabinete um irmão do Chefe de Polícia, cujas concepções de Direito são tão oficiais quanto as do Cel. Córtes. Mas

nem precisou ainda invocar o serviço do seu preboste. Tinha outro à mão, um antigo chefe nazi-integralista. E este tentou dar fumacês de Direito ao crime contra a Constituição.

Tudo isto, entretanto, não passa de uma farra torpe que pode ter consequências trágicas. Se se tratasse apenas de uma questão de Direito, por maiores restrições que se façam ao Sr. Seabra Fagundes, não caberia comparar o valor de sua opinião com a do pugnoso Marcondes e Butler. Mas tratase de uma questão ante e acima de tudo política. Os fascistas que estãõ no Governo precisam de criar um clima de terror e de tensão permanente, a fim de tentar deter as lutas populares pela democracia, por eleições livres, pela paz e a independência nacional. Recorrem à batida nas favelas, do mesmo modo por que intervêm nos sindicatos. Recorrem às batidas nas favelas, como recorrem ao esmagamento das greves, às provocações, às tentativas de divisão dos trabalhadores, a todos os processos antipopulares, antiproletários, antinacionais. A despeito das lutas das trabalhadoras, e aterrorizando os lares dos trabalhadores, e aterrorizando pacatas famílias, como recorrem



## O GOVERNO em marcha aí

Ouví ontem à tarde o General Pantaleão Peixoto sobre sua briga com o patriota Janque Eugênio Gudin. Disse-me o Presidente da COFAP:

— Eu não fui procurar briga. Muito pelo contrário. Recebi uma carta do Ministro da Fazenda e a respondi, discordando da elevação dos ágios. Infelizmente minha sugestão não foi aceita.

Acentuou, por último, o General Peixoto:

— Enquanto eu fôr Presidente da COFAP, o preço da gasolina não será majorado. Estou com a lei e dela não me afastarei.

### Protetor

O Sr. Marcondes Filho, ex-juiz do DIP e atual Ministro da Justiça, está nos meados vinte e cinco pessoas por dia, na maioria moças protegidas do alegre «scotch-boy». Das meninas ontem estendidas por Marcondes, oito têm o nome Maria. A comprovação é encontrada no Diário Oficial, página 2.187.

De contrapartida, está visto, o velho locutor demite ex-tranumérarios.

### Em primeira mão

Os funcionários da Campanha Nacional Contra a Tuberculose que servem no Rio Grande do Sul não receberão encargos desde outubro do ano passado. Explicação

### CONTINUA

### SUBINDO O FEIJÃO PRÊTO

O preço do feijão sofreu um novo e espetacular aumento, menos de 3 dias após a Sindicato dos Comissários e Consignatários de Gêneros Alimentícios ter anunciado uma majoração de mais de 30 por cento. Desta feita — divulga o Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura — o preço do feijão preto, em saca de 60 quilos, passou de 400 cruzeiros, ou seja, mais 100 cruzeiros sobre a última cotação.

**FAÇA UMA ASSINATURA MENSAL DE EXPERIÊNCIA DA IMPRENSA POPULAR**

Preço: Cr\$ 25.00

### Conclusões

### Duplicará em Meses...

os últimos trâmites legais, enquanto a opinião pública se desvia para o recente escândalo da alta da gasolina, o Governo Café Filho, num golpe de mágica, conseguiu elevar a renda que obtinha com os ágios — de cerca de 20 ou 25 bilhões — para aproximadamente 40 ou 50 bilhões de cruzeiros.

### 150 MILHÕES RETIRADOS DO PESSO

Não será necessário falar que a totalidade da população será atingida por essa desastrosa sangria destinada a arrancar, de qualquer maneira, da bolsa do consumidor nacional, uma soma fabulosa que irá passar principalmente nos juros insignificantes orçamentos das classes pobres. Adicionando-se essa recente cambialização de 50 bilhões aos 92 bilhões de cruzeiros que o Caiete espera arrecadar em 1955, de receita orçamentária e extra-orçamentária, o total da tributação sobre o povo brasileiro atingirá no corrente ano quase 150 bilhões de cruzeiros, quanta correspondente ao triplo da moeda em circulação e a mais de um terço da renda nacional.

### TAXAS ELEVADÍSSIMAS DO DÓLAR

Logo que entre em vigor a nova lei de licença previa, a totalidade ou a quase totalidade (a juiz do Poder Executivo) das mercadorias importadas passaria a se levar, pelo câmbio oficial (18,82) mas pés tazos no câmbio livre que está oscilando em torno de 78 cruzeiros.

A primeira das consequências desastrosas para a economia nacional será, pois, uma corrida sem paralelo para esse tipo de câmbio, determinando imediatas e sucessivas altas no preço do dólar, o qual poderá em pouco tempo alcançar taxas elevadíssimas, talvez de 100, 120 ou 150 cruzeiros por unidade da moeda americana. Significa isso que o cruzeiro cairá a três quartas partes ou à metade de sua presente cotação, que já excede de muito, segundo opiniões autorizadas, sua paridade normal. Nessas condições, o Brasil se tornará, como é costume dizer, num país alnado mais barato para os Estados Unidos, que compraram com um dólar duas vezes mais produtos brasileiros do que estão comprando em nossos dias.

### VANTAJOSA PARA OS AMERICANOS

Mas isso não é tudo. A nova lei produzirá outros efeitos vantajosos para os norte-americanos ao dificultar consideravelmente os negócios com qualquer outra área que não seja o do dólar. O que estava acontecendo, nos últimos meses, era que, diante das imposições crescentes dos exportadores dos Estados Unidos, as trocas

### VAI SER...

toda e a participação de 30 por cento da comissão sob a venda das ações que totalizam 15 milhões de cruzeiros.

### UM CRIME

O grupo financeiro de INFESA recebe assim o contrário de um estabelecimento oficial de crédito, sem dispensar um centavo e com perspectivas de fabulosos lucros as custas da economia do povo fluminense.

### Um austero

Dom Pepe, cidadão estrangeiro que trabalha no gabinete do seu sogro, dôlo, Napoléon Alencar e Guimarães, dizia na madrugada de sexta-feira, no «Sachá»:

— Ultimamente temos notado pouca gente para o Fundo Sindical.

Dom Pepe, que nem naturalizou, tem ficha na polícia de costumes de Buenos Aires. Ficha sua, é natural.

### Está gripado

O Sr. Costa Porto deveria voar hoje até Florianópolis, diz ele com o objetivo de inspecionar os serviços de reflorestamento de Santa Catarina.

Araranguá responde sua provérbio a essa simples questão. E Gudin pouca importância dá para o fomento dos funcionários desaparecidos.

No lugar do Sr. Costa Porto irá o Sr. José Augusto Falcao.

### QUE MENTIRA!

O Sr. Ilido Meneghetti telegrafou ao Sr. Café Filho, para comunicar ao gozador do golpe que o trigo gaúcho da última safra está apodrecendo por culpa dos mochos estrangeiros que se negam a comprar o produto a preços justos.

A resposta do Sr. Café está contida em entrevista distribuída escrita pelo diretor do S.E.T., Sr. Kurt Repsold, onde se lê: «Já foi adquirido quase todo o trigo da última safra gaúcha».

Em matéria de mentira, essa é de arrepia os cabelos mais duros do mundo. Mas esperem que essa história ainda vai dar muito o que falar.

### Janas Caminha

### NO VAREJO FEIJÃO A 11 CRUZEIROS

acompanhando a alta, ocorrida no mercado atacadista, o feijão está subindo no comércio varejista, quase que diariamente. «Uberabinhas», que estava, ainda há três, a 9 e 10 cruzeiros, passou a 11 cruzeiros, em quilo e subiu ainda mais, tão logo outras partidas vêm vendidas na base das novas cotações.

### ESTAO ESTOCANDO

Não obstante a ocorrência de elevações incríveis, o feijão está sendo adquirido com muita dificuldade pelos consumidores. Para completar, ainda mais o golpe contra a economia do povo, os postos da COFAP e do SAPS deixaram de vender o produto em balcão.

### IMPOSTOS E MULTAS

Há uma crença generaliza-

PAG. 2

IMPRENSA POPULAR

6-3-1955

POPULAR

DIRETOR:

PEDRO MOURA LIMA

Redação e Administração

HUA GUSTAVO LAKINHA

10 — sob — Rua de Janeiro

TELEFONE:

Uerj 51-5111

Reportagem: 51-5111

Editoria: 51-5111

VENDA 45 MIL

Número de tiragem: 1.000

Número afastado: 1.000

ADMINISTRAÇÃO

1 ano: 100.000

3 meses: 150.000

6 meses: 200.000

12 meses: 300.000

EXTRIBUTO

1 ano: 50.000

3 meses: 75.000

6 meses: 100.000

12 meses: 150.000

SUCESSO

RIO VAI PAU

Rua dos Estudantes 94 —

sala 10

SUCURSAL EM RIO PRETO:

Rua Vicente de Carvalho

100 — sob — sala 100

### SOCIAIS NASCIMENTOS

Nasceu, quarta-feira última, a menina de nome Nádia, filha do Sr. Salvador Soares dos Santos e da Sra. Matilde Francisca dos Santos.

### ENFERMOS

Está sendo visitado, em sua residência, na Avenida Roma, 189, apt. 301, Bonfim, onde se encontra enfermo, o Sr. Seabra Mathias Prata, Presidente da Associação dos Lavradores Fluminense.

### AUMENTO PARA OS TÉXTEIS

Convocados pelo Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fláscio e Tecelagem, os têxteis realizaram ontem a noite uma concordata assembleia, para tratar da questão do aumento de salários.

Após a exposição feita

do Presidente da Escola de Samba, acentuou:

— Para a tristeza dos moradores do morro, a Escola não saiu. O Governo não nos deu nenhuma ajuda. E a Escola era o único divertimento dêsse povo.

### TORNEIO INICIO DOS JUVENIS

Sera realizado hoje, domingo, a partir das 12 horas e 30 minutos, no Estádio Caio Martins, o Torneio Início dos Juvenis de Niterói.

### PARTICIPAÇÃO DE DOZE CLUBES

Participando Torneio 12 clubes, estando assim organizada a tabela:

1.ª prova — Oliveira x Fonseca; 2.ª prova — Niterói x Ipiranga; 3.ª prova — Peri Canto do Rio; 4.ª prova — Marítimos x Maturinatura; 5.ª prova — Cruzelândia Atlético x Fluminense; 6.ª prova — Heróis x Cruzeiro Futebol Clube.

### DIA INTERNACIONAL DA MULHER

A Associação Feminina Fluminense realizará, hoje, domingo, às 17 horas, um ato festivo em homenagem ao Dia Internacional da Mulher, em sua sede, no Largo da Venda da Cruz, n.º 9.

E o seguinte o programa da festividade: 1) — Palestra sobre o tema:

— Assembleia Nacional de Mês em Defesa da Infância.

2) — Homenagem à heroína internacional Clara Zetkin.

3) — Hora de Arte.

(Da Sucursal de Niterói)

### O AUMENTO DAS TARIFAS

O grande problema do feijão é mesmo o transporte. Há alguns meses atrás, pagavam 4 ou 5 cruzeiros pelo transporte dos volumes, da casa atacadista até à feira livre.

Estão pagando agora nunca menos de 7 cruzeiros por volume transportado, e a gasolina fôr aumentada na base em que o Governo pede, poderão ter o volume até a 10 cruzeiros. Uma barca de cereais tem a transpor dezenas de volumes em cada dia de feira. E' claro que o aumento dos transportes vai recair sobre a população, que o pagará sob a forma de aumento no preço dos gêneros. Isso é importante, pois 70 por cento da população carioca compra suas feiras livres.

Na assembleia realizada anteontem pelos comissários, mecânicos e radioperadores de vôo, ficou deliberado o lançamento desse ato aos trabalhadores, assim como promover, nos próximos dias, um ato público na A.B.I.,

para que sejam prestados esclarecimentos sobre o movimento da Panair e incrementada a solidariedade fluminense.

INSEGURANÇA DE VOO

Posssegue a nota:

— Embora desejássemos nos manter dentro da mais absoluta neutralidade, fomos obrigados a contrariar a empresa em alguns pontos, com o desejo único de defender a segurança dos vôos que sentimos e sentimos ameaçada diante da contratação de pilotos de qualidades técnicas, duvidosas, encontrando-se, entre estes, profissionais afastados das lides áreas já há alguns anos, por deficiência técnica.

MANIFESTAÇÃO DIRIGIDA

— As ridículas manifestações de solidariedade que vêm sendo tributadas à administração da Panair, por parte de certos empregados, só nos desejamos esta nota os associados discutam medidas práticas para serem adotadas visando a rápida conquista do aumento.

APOIO INTEGRAL

Continua:

— Revoltados com a antipática intranqüilidade da empresa e vendo ruir-se o nível técnico operacional da Panair do Brasil, seus tripulantes aderiram à atitude assumida pelos seus Comandantes e Co-pilotos. Entretanto, a prudência e o bom senso, além dos nossos planos estratégicos, indicaram-nos agir com maior seriedade, evitando, assim, entre outras consequências negativas, que os catedráticos da calma e da mente pudesse explorar essa adesão como um cumprimento a qualquer plano subversivo.

A verdadeira situação de um colega que procurava salvaguardar os interesses da empresa e da saúde dos passageiros e tripulantes, criticou a pessima qualidade da alimentação servida a bordo, sendo, por isto, severamente punido.

Acentua-se que são conhecidos vários casos de gravíssimas intoxicações originadas pelas refeições reféteis, as pessoas atingidas, incluindo-se algumas em que não poderem se locomover,

— A vida já está daquele jeito — disse. Se vier esse aumento, val ser uma desgraça. Sem dúvida, a vida vai ficar pior ainda com o aumento.

— A INTERESSADO DIRETO NA QUESTÃO

Ouvimos a opinião de um tinteiro, pertencente a um ramo de atividade que direitamente se interessa pela questão. Ele que nos disse o Sr. Adal Lourêncio, da Tinturaria São Sebastião (Rua Pedro Ernesto 32).

— Na lavagem de roupas, particularmente na lavagem química, usamos um sem número de matérias-primas derivadas do petróleo e muito subtraem com o administrador dos combutíveis.

— O comerciante varejista, Adolfo Gomes da Silva, proprietário do Armazém Móvel (Rua do Livramento 125) não se f



# CINEMA

## Desejo Humano

O veterano diretor europeu americanizado Frits Lang já teve sua fase viril e digna como cineasta. Atualmente ocupa uma catedra na "universidade do crime" via Hollywood.

Base seu "Desejo Humano" é uma aula macabra com o intuito de estimular os piores instintos do ser humano. Propõe com minúcias o adulterio e revela ao público que está ai para se distrair, para se refazer da luta diária, que "matar é fácil", conforme diz o herói numa cena de preparação erótica, com o mais odiadíssimo sorriso...

Além do mais, ofende profundamente os trabalhadores ferroviários. Seu tema apresenta um maquinista que volta da guerra suja da Coréia, tranquilo como se tivesse ido passar as férias e que, unicamente pelo desejo de conquistar a esposa do companheiro de trabalho, resolve silenciar, perante a Justiça, de que vive a bela senhora, no vagão onde fere morto um velho ricavo, também metido a D. Juan. Para que o romance do herói se justifique, o marido da adúltera é apresentado como verdadeiro tarado, bêbado e amorotado, enquanto ela tem todas as qualidades das prostitutas vulgares. Enfim, uma sujeira indigna que, de forma alguma, se recomenda de nossas famílias, não por questão de puritanismo, mas pelo fato de que tudo que id se apita é podre e sem nenhuma ligação com a vida simples e vigorosa dos ferroviários norte-americanos.

A película tem como astros principais Glenn Ford, Gloria Grahame e Broderick Crawford, cujas interpretações se perdem na inutilidade do argumento. Este foi escrito por Alfred Hayes, baseando-se numa novela de Emile Zola. Temos a impressão que a novela seja a "Besta Humana", o que prova quanto pode a imbecilidade e a falta de sentido humano no aproveitamento de uma jóia da literatura universal. O "Desejo Humano" de Frits Lang e Alfred Hayes, produzido por Lewis J. Rachmil, não passa de um torpe "desejo" de transformar homens em feras, amoras e imorais.

JACKSON



ESSES TEMPOS NAO VOLTARAO. — Gravura do artista chinês tang Tchan



Jackson de Souza, um dos mais completos atores característicos do nosso cinema, participará do elenco da projeção filmagem de "Os Caminhos da Fome", baseado em romance de Jorge Amado

## Espetáculos de Hoje

<b>CINELANDIA</b>	
CAPITOLIO	Sessões passatempo
ESTRADA	o principal
MEU QUARTO	«Alma de renegado»
ODÉON	«Alma de renegado»
PATHE	«Princípio, a cortesia do oriente»
PLAZA	«Os mistérios de Marracousa»
HIVOLY	«Alma de renegado»
VITÓRIA	Sessões passatempo
	S. LUIZ
	«Sublime obsessão»
<b>CENTRO</b>	
TRIÂMON	Sessões passatempo
COLONIAL	«O mistério de Marracousa»
LEIA	«Alma de magia»
OLÍMPIA	«A princesa e o oriente»
PRESIDENTE	«A princesa e o oriente»
BO. BRANCO	«O monstro da magia»
B. JOSÉ	«Desejos humanos»
ZONA SUL	
ALVORADA	«Invasão dos Estados Unidos»
ALIANCA	«Sublime obsessão»
ASTORIA	«O mistério de Marracousa»
CENTRAL	«Alfa» — «Serto do terror»
B. H. T.	«Pecado, maradas e cunhados»
AZTECA	«Destino me persegue»
CAIRES	«Destino me persegue»
COPACABANA	«Suhime obsessão»
IPANEMA	«A máscara do mágico»
<b>BAIRROS</b>	
CATUMBI	«Serto do terror»
E. DE SA'	«Os últimos cinco»
FLUMINENSE	«Desventura»
H. LORO	«Os mistérios de Marracousa»
STA. ALICE	«Sublime obsessão»
TRINHADA	«Turbilhão»
<b>TIJUCA</b>	
AMERICA	«Alma de renegado»
CARIOCA	«Sublime obsessão»
<b>LEOPOLDINA</b>	
BON SUCESSO	«Entre a espada e a rota»
E. LOPES D. N.	«Peregrinação tua»
MAUÁ	«Império do pavor»
PARAISO	«Tartarugas e a montanha secreta»
STA. CECILIA	«Mulher absoluta»
S. PEDRO	«A guerra dos mundos»
<b>BAIRROS</b>	
CATUMBI	«Serto do terror»
E. DE SA'	«Os últimos cinco»
FLUMINENSE	«Desventura»
H. LORO	«Os mistérios de Marracousa»
STA. ALICE	«Sublime obsessão»
TRINHADA	«Turbilhão»
<b>LEOPOLDINA</b>	
CATUMBI	«Serto do terror»
E. DE SA'	«Os últimos cinco»
FLUMINENSE	«Desventura»
H. LORO	«Os mistérios de Marracousa»
STA. ALICE	«Sublime obsessão»
TRINHADA	«Turbilhão»
<b>TEATROS</b>	
DULCINA	«Sra. Barba Azul», com Bibi Ferreira
COLISEU	«Gostei demais...»
DIVERTOR	«Desventura»
DEUS HUMANO	«Cine GINÁSTICO» e «Pêga-fogo»
TAJAJA	«A carga dos lanceiros»
MARADA	«Uma noite no Tabarim», B. C.

## ARMAZÉM CUTIARA

### BEBIDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

DE TUDO PARA TODOS — PREÇOS POPULARES

ARMAZÉM CUTIARA — ESTRADA DO GALEAO, 317

ILHA DO GOVERNADOR — JULIO T. GAZELE

DUAS CASAS AO SEU DISPOR

SAPATARIA CINTRA

Sapatos para Homens e Senhoras

AV. GOMES FREIRE, 275  
RUA do REZENDE, 51

## LITERATURA

### Um Livro de Teatro Para Crianças

Ainda não temos dado a melhor atenção a um problema muito importante em literatura: o do livro para crianças, para menores de 12 a 15 anos. Parece que a arte de escrever para meninos é ainda considerada como um passatempo, coisa fácil e gratuita. No entanto, é obra difícil, requer maturidade, experiência e profundo conhecimento da vida infantil.

Os livros brasileiros ultimamente saídos, demonstram, contudo, que alguns autores se esforçam em estudar o problema e aproximar-se das crianças através de páginas simples, cheias de nossa paisagem, nossos bichos, nossa vida.

O livro de *Fusílico*, de Zora Seljan Braga, por exemplo, indica aspectos da vida

brasileira descritos, com ternura e clareza, que estão agradando os leitores infantis. A autora precisa ser estimulada no seu trabalho.

Agora mesmo sai um livro de teatro infantil, assunto novo em nosso país.

«Vamos brincar de teatro» de Talis Bianchi, lançado pela Editorial Andes.

A autora escreveu duas peças

para meninos, utilizando a sua experiência em atividades de jardim de infância, escolinha de arte, cinema e teatro.

Acreditamos que o livro de

Talis Bianchi será bem acolhido, abrindo um bom caminho para o desenvolvimento

do gênero.

Concordamos que o

livro de *Fusílico*, de Zora Seljan Braga, por exemplo, indica aspectos da vida

brilhante, ao piano, pela prof.

Lydia Podorolsky. O programa será o seguinte: Donaudy — O delírio amado

ben; Valdemar Henrique — Tambor-taí; Puccini — Vissi d'arte, da ópera «Tosca»; Mascagni — Vol lo sapete da ópera «Cavalleria Rusticana».

Escolha do professor na E.N. de Música

A Secretaria da Escola

Nacional de Música faz

ciente aos candidatos habilitados

que a escolha de professor

será feita nos seguintes dias

e horas: Teoria Musical (2º

e 3º anos) dia 6 de março,

as 9 horas; 1º ano — dia 9

de março, as 9 horas; Canto

(todos os anos) dia 7, as

14 horas; Violino (todos os

anos) dia 7, as 16 horas.

Os candidatos que não

sucessor com Silvio

é uma coisa imprevisível.

Ele permanece cantando

cada vez melhor.

Numa das últimas

várias vezes, em que

aquele esteve,

recebeu uma con

sagração jamais

conquistada por

um artista brasileiro.

Foi quando realizou

temporada na

Nacional.

Hoje, à noite, milhares de

de pessoas se reúnem

para ouvir aquela

voz que é a mais

bonita que ouvimos

no Brasil.

Silvio Caldas

é o maior cantor

brasileiro.

Colaço

é o maior aventureiro

radiofônico

do Brasil.

«Vilões em

funerais», «Poema

dos olhos da amada»

e outras tantas

melodias de sucesso.

Silvio Caldas

é o maior cantor

brasileiro.

Colaço

é o maior aventureiro

radiofônico

do Brasil.

«Chão de estrelas»,

«Suburbana»,

«Três lágrimas».

♦

AMANHÃ, às 20,30 horas, estreará na Mayrink outro

impressionado muito nos ensaios. Vamos ficar de rádio

amanhã.

E por hoje é só, meus amigos. Não se esqueçam de

ouvir logo mais a estréia de Silvio Caldas.

Além disso, não faltam

outras vozes bonitas

que ouviremos.

Continua o mesmo cantor do sem

pre. Nossos compositores, seus amigos,

também cantam.

Continua o mesmo cantor do sem

pre. Nossos compositores, seus amigos,

também cantam.

Continua o mesmo cantor do sem

pre. Nossos compositores, seus amigos,

também cantam.



O Povo Chinês Assina o Apelo Contra as Armas Atômicas — Operários e membros da administração da Fábrica de Locomotivas de Tsingtao assinam o apelo contra as armas atômicas. (Foto distribuída pela INTER PRESS)

### Vítima Das Explosões de Nevhon

LAS VEGAS (Nevada), 5 (A.P.) — A Comissão Federal de Energia Atômica revela hoje que um dos empregados do Centro de Experiências Atômicas de Nevada entrou, depois da explosão de terça-feira passada, na zona rústica e que se expôs a fortes radiações (39 roentgens).

Esse empregado, Eugene Haynes, de 36 anos de idade, tinha sido encarregado de realizar uma ronda numa determinada zona. Não está hospitalizado. Pensa-se

que a sua exposição à ação radiação foi fraca para que agravar consequências mais sérias.

**PARA ESTA SEMANA**  
LAS VEGAS, 5 (A.P.) — A Comissão de Energia Atômica em face das suas condições atmosféricas, decidiu adiar a próxima sessão às experiências atômicas que deveriam ser realizadas hoje em Yucca Flat. A próxima explosão deverá ocorrer no alto de uma torre de 150 metros.

### QUEREM OS INGLESES RECONQUISTAR O MERCADO

LONDRES, 5 (A.P.) — As exportações britânicas para a América do Sul poderiam quadruplicar em cinco anos, declarou o Sr. J. P. Ford, Presidente do Instituto de Exportação, em um artigo publicado pelo "Board of Trade Journal", órgão oficial do Ministério Britânico do Comércio. O Sr. Ford voltou recentemente de uma visita às repúblicas sul-americanas. «Levando-se em consideração as modificações ocorridas na paridade e o poder de compra das moedas, as exportações britânicas para a América do Sul não são mais amplas do que

antes da guerra — escreveu o Sr. Ford — mas os alemães, os franceses e os italiani rapidamente aumentaram seu comércio de apóstatas com aquela região.

O Sr. Ford opinou igualmente que a clientela sul-americana continua favoravelmente disposta com relação aos britânicos, embora acredite necessário multiplicar os contatos pessoais e a publicidade e não só a publicidade governamental. «Onde que se vá — concluiu o major francês Giacommagl, membro da comissão neutra.

As esposas e filhos dos observadores neutros da co-

### Libertadas as Ilhas Tachen



O Exército Popular da China libertou as Ilhas Tachen, Yushan e Pishan ao largo das costas de Chilicang em 23 de fevereiro último. As Ilhas Tachen, a cerca de 300 quilômetros ao norte de Formosa, eram o mais forte ponto de apoio das tropas de Chiang Kai Shek em frente às costas de Chilicang.

A remoção de cerca de 10.000 habitantes dessas ilhas foi realizada pelas tropas de Chiang Kai Shek, com o auxílio das forças americanas. A política de "terra arrasada" foiposta em prática pelos oficiais de Chiang an tes de abandonarem as ilhas. Nos clichês, um aspecto do norte da Tachen e as forças anfíbias do Exército Popular de Libertação no momento em que desembarcavam nessa ilha. (Foto distribuída pela INTER PRESS).

## Sem Autorização da COFAP Será Ilegal o Aumento da Gasolina

Numa entrevista coletiva, concedida aos jornalistas, o General Pantaleão Pessoa, respondeu as declarações do Ministro da Fazenda, Sr. Eugênio Gudin. O Presidente da COFAP fez de início uma afirmação em torno da pessoa do Ministro da Fazenda, Sr. Bond and Share, acen- tuando:

O Ilustre Ministro da Fazenda já me disse, e eu sabia, que é economista e engenheiro, mas esqueceu-se de me informar que também era jurista e crítico, em casos, todavia, onde não fiquei, como contendores, os Srs. Artur Bernardes e Rafael Corrêa de Oliveira...

Com esta alusão o General Pantaleão Pessoa referiu-se à fuga do Sr. Eugênio Gudin em face das acusações do ex-Presidente da República e do conhecido articolista.

### DEFENDENDO A COFAP

A seguir o Presidente da COFAP responde às afirmações do Ministro da Fazenda de que o órgão de preços é instrumento de propaganda para uma majoração de preços de gêneros e mercadorias. Negando tal afirmação o General Pantaleão Pessoa esqueceu-se de que a COFAP, munida dos poderes que lhe confere a lei 1.522,

não interferiu na elevação de dezenas de artigos, como por exemplo, daqueles 40 produtos que somente numa sessão foram aumentados.

### NAO HÁ EXCEÇÃO PARA A GASOLINA

Referindo-se ao artigo 9 da lei 1.522 que fixa a competência da COFAP, diz o General Pantaleão que não abrirá exceção para o processo da gasolina e que não aplicaria o texto legal aprovado pelo Congresso. Recusada pela COFAP o aumento da gasolina, este não entrará em vigor, afirma o General. E tudo isto dentro das leis vigentes — afirma — e entre estas, lei 1.522.

Depois alude à posição assumida pelo Ministro da Fazenda, que é de que a COFAP, sabendo de todas as formas:

— Esta lei pode não ser boa no juízo do Sr. Ministro da Fazenda, mas é uma lei como o é da Petrobrás, com a qual muitos não concordam e que não, por exemplo, como cidadão, gostaria de ver executada, acatada, com lealdade ao Brasil e sem quaisquer interferências estranhas, se menos para provar que ela não corresponde à expectativa.

Adriano fala o Presidente da COFAP sobre a produção nacional de refinados:

— Ninguém pode negar que essa participação dos refinados nacionais já é com 49,44 de consumo (só em gasolina) é um índice alavancário. E Mataripe? Acaso esta usina estará precisando de aumentos para servir ao desenvolvimento da zona geo-econômica onde se faz base para tantas esperanças?

### SOBRE A EXTINÇÃO DA COFAP

Finalizando sua entrevista o General Pantaleão Pessoa afirmou:

— Quanto à extinção da COFAP, pode ser boa medida, sendo apenas lamentável que já não o tivessem feito em outra época e esperassem este momento para calar a sua atuação justa, certa e popular. Quero terminar referindo-me a essa crítica ridícula e inédita de que a COFAP se estaria superpondo a solução ao ato ministerial.

E a lei que determina a autorização da COFAP no caso de preços. Ela foi criada, exatamente, para isso.

— Referindo-se ao artigo 9 da lei 1.522 que fixa a competência da COFAP, diz o General Pantaleão que não abrirá exceção para o processo da gasolina e que não aplicaria o texto legal aprovado pelo Congresso. Recusada pela COFAP o aumento da gasolina, este não entrará em vigor, afirma o General. E tudo isto dentro das leis vigentes — afirma — e entre estas, lei 1.522.

Depois alude à posição assumida pelo Ministro da Fazenda, que é de que a COFAP, sabendo de todas as formas:

— Esta lei pode não ser boa no juízo do Sr. Ministro da Fazenda, mas é uma lei como o é da Petrobrás, com a qual muitos não concordam e que não, por exemplo, como cidadão, gostaria de ver executada, acatada, com lealdade ao Brasil e sem quaisquer interferências estranhas, se menos para provar que ela não corresponde à expectativa.

## Pressão

WASHINGTON, 5 (A.P.) — O Governo, indica-se de fonte oficial, fiz o governo finlandês representações a respeito do transporte, por um navio petroleiro finlandês, o "Aruba", de um carregamento de combustível com destino à China. Essas representações, acrescenta-se, foram efetuadas recentemente pelo Embaixador dos Estados Unidos em Helsinque, senhor Jack McFall.

Desbchos de Port Said assinalaram recentemente a passagem do petroleiro "Aruba" na zona do Canal de Suez, após esse navio haver carregado no porto rumeno de Constanza 18.000 toneladas de combustíveis petrofíferos.

TAMBÉM A INGLATERRA  
LONDRES, 5 (A.P.) —

### INCIDENTE DE GAZA

## ACUSADO ISRAEL DE AGRESSÃO

CAIRO, 5 (A.P.) — O relatório dos observadores da O.N.U. condena o ataque israelita

missão de armistício das Nações Unidas na Palestina foi evacuado de Gaza às primeiras horas de hoje e encaminhado para Jerusalém.

— A nossa posição é bastante clara e a zona está longe de achar-se em segurança — declarou o representante da Agência France Presse o major Giacommagl, encarregado das autoridades egípcias da zona do seu relatório sobre o incidente da noite de 23 de fevereiro para 1.º de março, no setor de Gaza. — O relatório é estabelecido geralmente, acrescentou o coronel Gohar, chefe do Departamento da Palestina, no Ministério da Guerra egípcio, anuncando que os observadores da Comissão de Armistício das Nações Unidas, a Palestina, tinham enviado a Gaza, como, conforme sabemos, os refugiados estão em fervescência.

— A missão de mulheres evadidas abrange duas dinamarquesas, uma belga, uma norte-americana, uma francesa e uma indiana; todas as crianças têm a idade compreendendo da entre seis meses e os anos, com exceção de um menino de nove anos.

De seu lado o general Abd alah Rfaat, governador-geral egípcio da zona de Gaza, recebeu uma delegação dos refugiados palestinos, entregando-lhe a resposta do Governo egípcio aos pedidos feitos na última terça-feira pelos refugiados.

O grupo de mulheres evadidas abrange duas dinamarquesas, uma belga, uma norte-americana, uma francesa e uma indiana; todas as crianças têm a idade compreendendo da entre seis meses e os anos, com exceção de um menino de nove anos.

De seu lado o general Abd alah Rfaat, governador-geral egípcio da zona de Gaza, recebeu uma delegação dos refugiados palestinos, entregando-lhe a resposta do Governo egípcio aos pedidos feitos na última terça-feira pelos refugiados.

PROIBIDAS AS MANIFESTAÇÕES

Declarou o general Rifaat que as negociações entre a França e o Sarre, interrompidas pela última crise ministerial, serão retomadas na semana vindoura, nesta capital. Essas negociações têm por finalidade a realização de uma convenção de cooperação econômica franco-sarre.

Todos os residentes europeus devem permanecer agora em suas residências sob a guarda do exército egípcio e da polícia local. Os funcionários da ONU que preenchem sair sólamente o podem fazer sob escolta militar.

ABRIRAM FOGO

A última hora, o general Abdullah Rfaat declarou: «Os israelenses abriram fogo, ontem à noite, contra um posto egípcio situado na seção de Deir el Balat. A fuzilaria durou dez minutos mas não houve qualquer perigo de lado egípcio.

Automóveis equipados com alto-falantes desde o alto-

rever percorrem os diferentes setores da região de Gaza, convocando a população a manter-se calma e recordando que serão proibidas quaisquer manifestações, as quais seriam eventualmente reprimidas pelas forças egípcias, que castigariam os agitadores.

O governador-geral da zona de Gaza, comunicou igualmente aos refugiados palestinos que o Governo egípcio havia romrido em consideração as suas reivindicações, «conforme demonstram as recentes declarações do príncipe-ministro, tenente-coronel Gamal Abdel Nasser». Reafirmou o general que «essas reivindicações são estituídas com carinho e que os refugiados podem estar certos de que os autoridades egípcias não perderão de vista a sua causa».

Todos os residentes europeus devem permanecer agora em suas residências sob a guarda do exército egípcio e da polícia local.

Declarou o general Rifaat que as negociações entre a França e o Sarre, interrompidas pela última crise ministerial, serão retomadas na semana vindoura, nesta capital. Essas negociações têm por finalidade a realização de uma convenção de cooperação econômica franco-sarre.

Os funcionários da ONU que preenchem sair sólamente o podem fazer sob escolta militar.

EDEN CONSEGUE ADESÃO DAQUELE PAIS

BEIRUTE, 5 (A.P.) — Anthony Eden chegou a esta Capital, onde foi recebido, no aeroporto, pelo Sr. Alfred Naccache, Ministro das Relações Exteriores. Dirigiu-se, diretamente para a residência do Presidente da República, Sr. Camille Chamoun, onde almoçou.

CEDEU À PRESSÃO BEIRUTE, 5 (A.P.) — O

Líbano não aderirá nem ao

acordo de Adenauer.

EDEN CONSEGUE ADESAO DAQUELE PAIS

AO ACORDO MILITAR TURCO-IRAQUEANO

BEIRUTE, 5 (A.P.) — Anthony Eden conseguiu a adesão daquele país ao acordo militar turco-iraqueano.

EDEN CONSEGUE ADESAO DAQUELE PAIS

AO ACORDO MILITAR TURCO-IRAQUEANO

BEIRUTE, 5 (A.P.) — Anthony Eden conseguiu a adesão daquele país ao acordo militar turco-iraqueano.

EDEN CONSEGUE ADESAO DAQUELE PAIS

AO ACORDO MILITAR TURCO-IRAQUEANO

BEIRUTE, 5 (A.P.) — Anthony Eden conseguiu a adesão daquele país ao acordo militar turco-iraqueano.

EDEN CONSEGUE ADESAO DAQUELE PAIS

AO ACORDO MILITAR TURCO-IRAQUEANO

BEIRUTE, 5 (A.P.) — Anthony Eden conseguiu a adesão daquele país ao acordo militar turco-iraqueano.

EDEN CONSEGUE ADESAO DAQUELE PAIS

AO ACORDO MILITAR TURCO-IRAQUEANO

BEIRUTE, 5 (A.P.) — Anthony Eden conseguiu a adesão daquele país ao acordo militar turco-iraqueano.

EDEN CONSEGUE ADESAO DAQUELE PAIS

AO ACORDO MILITAR TURCO-IRAQUEANO

BEIRUTE, 5 (A.P.) — Anthony Eden conseguiu a adesão daquele país ao acordo militar turco-iraqueano.

EDEN CONSEGUE ADESAO DAQUELE PAIS

AO ACORDO MILITAR TURCO-IRAQUEANO

BEIRUTE, 5 (A.P.) — Anthony Eden conseguiu a adesão daquele país ao acordo militar turco-iraqueano.

EDEN CONSEGUE ADESAO DAQUELE PAIS

AO ACORDO MILITAR TURCO-IRAQUEANO

BEIRUTE, 5 (A.P.) — Anthony Eden conseguiu a adesão daquele país ao acordo militar turco-iraqueano.

EDEN CONSEGUE ADESAO DAQUELE PAIS

AO ACORDO MILITAR TURCO-IRAQUEANO

BEIRUTE, 5 (A.P.) — Anthony Eden conseguiu a adesão daquele país ao acordo militar turco-iraqueano.

EDEN CONSEGUE ADESAO DAQUELE PAIS

AO ACORDO MILITAR TURCO-IRAQUEANO

BEIRUTE, 5 (A.P.) — Anthony Eden conseguiu a adesão daquele país ao acordo militar turco-iraqueano.

EDEN CONSEGUE ADESAO DAQUELE PAIS

AO ACORDO MILITAR TURCO-IRAQUEANO

BEIRUTE, 5 (A.P.) — Anthony Eden conseguiu a adesão daquele país ao acordo militar turco-iraqueano.

EDEN CONSEGUE ADESAO DAQUELE PAIS

AO ACORDO MILITAR TURCO-IRAQUEANO

BEIRUTE, 5 (A.P.) — Anthony Eden conseguiu a adesão daquele país ao acordo militar turco-iraqueano.

EDEN CONSEGUE ADESAO DAQUELE PAIS

AO ACORDO MILITAR TURCO-IRAQUEANO



# Com Mau Tempo a Seleção Carioca Não Jogará Hoje no Recife

Castilho faz um paralelo entre o futebol brasileiro e o húngaro



Castilho no Departamento Médico do Fluminense. Quando fala no Campeonato Pan-Americano, ele fecha os olhos, lembrando-se da sensacional vitória do Brasil

HOJE À TARDE NO RECIFE:

## Seleção Carioca x Náutico

Persistir o mau tempo, a peleja poderá ser adiada ou mesmo cancelada — Ademir e Rubens, as dúvidas dos metropolitanos — Macher, o juiz

RECIFE, 5 (I.P.) — Na tarde de amanhã, o scratch carioca fará a sua primeira apresentação, enfrentando o Náutico desta Capital. O prílio vem despertando o máximo interesse, não só pelas qualidades individuais dos pupilos de Martim Francisco como também por se constituir no primeiro teste da seleção carioca, que disputará o Campeonato Brasileiro de Futebol.

Para se ter uma ideia do prestígio do futebol carioca basta dizer que a renda do encontro está estimada entre 350 a 400 mil cruzeiros, o que significa, recorde absoluto no Recife. A equipe do Náutico está capacitada a oferecer séria resistência, tendo conquistado o campeonato pernambucano. O jogo

está programado para o Campo de Esporte, na Ilha do Retiro.

### BOM O «SCRATCH»

No reduto dos cariocas reina otimismo. Os jogadores estão bem dispostos e confiantes numa boa exibição. Da mesma forma o técnico Martim Francisco, que apesar de seu comedimento, não esconde a sua confiança no scratch. Martim disse a reportagem que o time ainda não está 100% entrosado, mas já vislumbra alguma coisa de conjunto.

Os únicos problemas são Rubens e Ademir. A própria rubenada pernambucana não esconde a sua apreensão ante as ausências do Dr. Rubens e do famoso Queixada. No entanto, o Dr. Mário Túroirinho acredita em colocá-los aptos até o momento da reunião. Martim, preavendo-se, tem de sobreaviso Dino, para o lugar de Rubens e Leônidas, para o lugar de Ademir.

A equipe carioca deverá

formar com Hélio, Mirim e Pinheiro; Dequinha, Osvaldinho e Santos; Garrincha, Rubens (Dino), Ademir (Leônidas), Didi e Nívio.

### O NÁUTICO

O campeão pernambucano formará com, Manoelzinho, Cúlica e Lula; Gilberto, Gago e Jaiminho; Ivanildo, Hamilton, Ivson, Rubinho e Jorginho.

O prílio tem o seu inicio previsto para às 14 horas e será disputado ardorosamente.

Os campeões foram os alemães, Castilho,

— Sei, perfeitamente. Explique por que.

### PODERÁ SER ADIADO

Em face do mau tempo relâmpago, nesta Capital poderá ser adiado ou mesmo cancelado o encontro — exibição dos cariocas.

Martim Francisco é contra a realização da peleja com mau tempo.

### «Cantinho do Flamengo»

— O Clube de Regatas do Flamengo tem a honra de apresentar ao seu numeroso quadro social, na noite de 21 do corrente, às 21:30 horas, em sua luxuosa sede da Av. Ruy Barbosa, 170, a consagrada atriz HENRIETTE MORINEAU, com a peça «FRENESI», de Chápulas, tradução de Brício de Abreu, que lhe deu a medalha de ouro da Associação dos Críticos Teatrais.

Deve-se salientar que é a primeira vez que Henriette Morineau se apresenta em Clubes esportivos no Brasil, com o seu notável elenco constituído de Delorges, Carmela, Nádia Lanza, Theresinha Amyo e outros. A direção da peça estará a cargo de Jay Campos da TV Tupi. Traje: passeio completo.

— Do Fortaleza Esporte Clube do Ceará, o Flamengo recebeu o seguinte telegrama: «Fortaleza E.C. mesmo tempo parabeniza gloriosos cariocas conquista bicampeonato solicita autorização lançar crânio Bahá encontro treino sábado a 5º presente grande torcida rubro-negra que pretende assistir exibições milionárias. a) José Raimundo Costa. «Em resposta foi expedido ontem outro telegrama, cujo telex é o seguinte: «Como homenagem nosso grande torcida permitiu apresentação Bahá desde que não sejam cobrados interesses forreiros rubro-negros. Sandáculos, Gilberto Cardoso.

— O programa social do mês de março apresenta aos associados sessões cinematográficas, na sede da Praia do Flamengo, com início às 20:30 horas, nos seguintes dias: dia 17 (quinta-feira) dia 23 (quarta-feira) e 31 (quinta-feira). Serão exibidos filmes formidáveis nesses dias na sede da Praia do Flamengo.

— Em homenagem aos bicampeões da cidade, heróis da memorável lurma de 1953-54, será realizado na noite de 26 do corrente, com início às 22 horas, na sede social da Praia do Flamengo, o tradicional «Baile da Vida». Traje: passeio completo.

— Os bicampeões da cidade serão expressivamente homenageados no próximo domingo, dia 18, às 10 horas, no auditório da Rádio Maná, onde serão levado a efeito o conhecido programa «Mártir Esportivo Mauá». Do Chefe do Departamento Executivo da Emissora, Dr. Orlando Batista, recebemos um extenso convite que é extensivo a todos os amigos e torcedores do Clube «Máuá Querido do Brasil».

— Pedimos a todos que possam comparecer a manifestação da homenagem ao Clube «Máuá Querido do Brasil», e obsequiar o desfile, com a indispensável antecipação, para Arquivo de Carvalho, Ben. de Propaganda, Ovulder, 75 — 2º andar — Tel. 22-4931.

### PELO SUL-AMERICANO DE FUTEBOL:

## Hoje em Santiago Chile x Peru

Delgado; Garrido, Lavalle e Heredia; Navarrete, Barbado, Castillo, Mosquera e Gómez Sanchez.

### ESTREIAM OS URUGUAIOS

Está despertando grande interesse a estréia dos orientais, que dar-se-á na quarta-feira, contra os paraguaios. O outro jogo, programado, nesse dia, é Argentina x Equador.

As equipes:

CHILE: Acuetti, Almeida, Carrasco; Eduardo Robledo, Alvarez e Cortes; Hormazabal, Meléndez, Jorge Robledo, Muñoz e Guillermo Diaz.

PERU: Suárez, Bedoya e

Instalações elétricas hidráulicas — Gás e esgoto.

Lauro Landulho

Magalhães

(Registrado)

Rua Caruaru, n° 164, c/ 5,

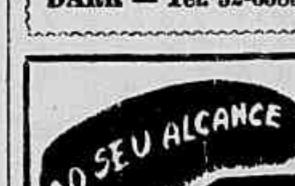
apt. 102 — Telefone: 58-9078.

### ROUPAS À CRÉDITO

CAMISARIA — ALFAIA TARIA — ARTICOS PARA HOMBRES — CONFECCOES PRÓPRIAS

### JEWEL

Av. Treze de Maio, 23  
Sala 932 — Edifício DARK — Tel. 32-6583



CASIMIRAS TROPICAIS E LINHOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS — CASIMIRAS

M. FERNANDES Importadoras

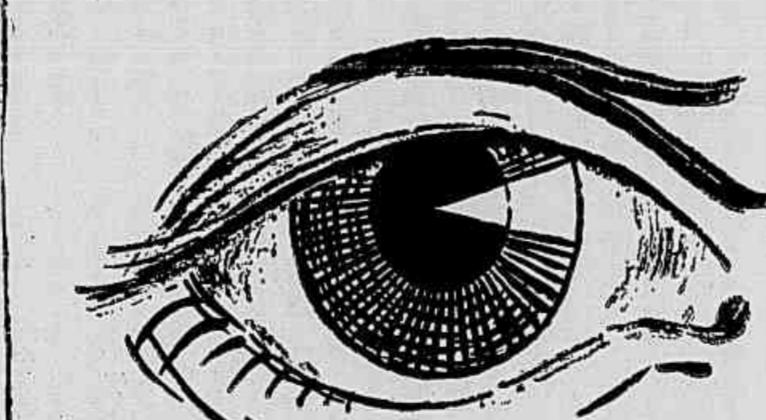
Rua Evaristo da Veiga, 45-C

loja — Telefone: 62-1519 e

42-6542.

Acertar-se encomendas no Reembolso.

### SEGUR DE VIDA PARA OS SEUS OLHOS...



O conscientioso exame de vista realizado pelos nossos competentes médicos e a exatidão, nos mínimos detalhes, com que preparamos as lentes dos seus óculos, constituem verdadeiro seguro de vida para os seus olhos.

Venham conhecer nossa organização e traga este anúncio para aproveitar uma oferta excepcional.

CONSULTA MÉDICA GRATUITA!

10% de desconto

Oficina especializada em consertos de máquinas fotográficas, binóculos, microscópios, teodolitos, etc. Revelação de filmes e venda de material fotográfico das melhores marcas.

## «OS MAGIARES JOGAM À VONTADE, MAIS SEGUROS DE SUA CAPACIDADE»

Castilho, ante a nossa primeira pergunta afirma:

— Como profissional sómente joguei no Fluminense. Tenho nove anos de Fluminense, meu amigo. Estou no tricolor desde 1946. Fui reserva de Roberto no aquele ano. Acompanhei, já como jogador do clube, toda a campanha do supercampeonato.

— Mas você atuou no Olaria.

— Como juvenil. Únicamente como juvenil.

Castilho pausa a falar de suas atuações em seleções:

— Em 1949 fui convocado para a seleção brasileira, que disputou o sul-americano. Mas não joguei. Fiquei doente e fui dispensado. Em 1950, você sabe, Barbosa foi o arqueiro titular da nossa seleção, que concorreu à Copa do Mundo. Eu fui o reserva. Ainda em 1950 joguei contra os paraguaios na Taça Oswaldo Cruz. Em 1952, fui o Panamericano. Joguei como titular da seleção. Em 1953, fui novamente voltar à seleção. Foi por ocasião do sul-americano, o tal que os paraguaios levaram. Finalmente em 1954 estive presente também à Copa do Mundo.

Castilho pausa a falar de seus atuações em seleções:

— Os hungaros perderam a Copa, mas mesmo assim foram considerados os melhores jogadores do certame. Isso é significativo.

— Você poderia fazer uma comparação entre o nosso futebol e o dos hungaros?

— As características de jogo são semelhantes. O jogador húngaro é veloz, fazendo bem, atraíndo, inesperadamente, como o brasileiro. Contudo, eles jogam mais à vontade, com mais confiança, seguros da capacidade, que possuem.

— A que você atribui este fato?

— Creio que isto acontece porque eles jogam juntos há muito tempo. Se não me engano, há quatro anos. Está claro que uma equipe formada por bons elementos, e que atua com a sua formação-base há 4 anos tem que impressionar, tem que apresentar um bom futebol. Mesmo perdendo a Copa, eles não modificaram a seleção.

Castilho passa a falar dos brasileiros:

— Nós jogamos bem. Muitos. Não culpo os jogadores brasileiros pelos últimos

anos fiascos, que fizemos em torneios internacionais.

— Culpo as organizações esportivas. Veja você. Agora mesmo a seleção carioca vai participar do campeonato brasileiro de futebol praticamente sem preparativos. Tudo foi feito as carreiras. Cuidamos mais, é para formar um «scratch» em apenas dois meses. Este é o tempo máximo.

### Os uruguaios

— Castilho, é comum dizer-se, às vezes, que os uruguaios estão calmo de produção. Que acha você?

— Os uruguaios? Deveramente? Não acredito. Uma seleção, onde atuam Matheus, Gonzalez, Andrade, Rodrigues, Andrade, não pode estar decadente.

— Favorável ao futebol uruguaios?

— Aprecio o jogo dos orientais. E classifico-os como campeões internacionais.

### Seleção permanente

— Acha possível a formação de um «scratch» permanente aqui no Brasil?

— Embora seja favorável, considero difícil por falta de recursos da C.B.D. Contudo, desde que surgiu este éreto, seria uma medida de grande utilidade para o futebol brasileiro. Precisamos competir. Ainda confundimos esporte com guerra. Precisamos sair desse isolamento. Jogar fora do Brasil o maior número de vezes possível. A jogar uma vez por mês fora seleção permanente poderia do Brasil. Creio que lutaríamos muito com isso. Ganharíamos. Os jogadores ficariam mais confiantes nela.

— A que você atribui este fato?

— Creio que isto acontece porque eles jogam juntos há muito tempo. Se não me engano, há quatro anos. Está claro que uma equipe formada por bons elementos, e que atua com a sua formação-base há 4 anos tem que impressionar, tem que apresentar um bom futebol. Mesmo perdendo a Copa, eles não modificaram a seleção.

Castilho passa a falar dos brasileiros:

— Nós jogamos bem. Muitos. Não culpo os jogadores brasileiros pelos últimos

anos fiascos, que fizemos em torneios internacionais.

— Culpo as organizações esportivas. Veja você. Agora mesmo a seleção carioca vai participar do campeonato brasileiro praticamente sem preparativos. Tudo foi feito as carreiras. Cuidamos mais, é para formar um «scratch» em apenas dois meses. Este é o tempo máximo.

— Os uruguaios?

— Castilho, é comum dizer-se, às vezes, que os uruguaios estão calmo de produção. Que acha você?

— Os uruguaios? Deveramente? Não acredito. Uma seleção, onde atuam Matheus, Gonzalez, Andrade, Rodrigues, Andrade, não pode estar decadente.

— Favorável ao futebol uruguaios?

— Aprecio o jogo dos orientais. E classifico-os como campeões internacionais.

### Seleção permanente

— Acha possível a formação de um «scratch» permanente aqui no Brasil?

— Embora seja favorável, considero difícil por falta de recursos da C.B.D. Contudo, desde que surgiu este éreto, seria uma medida de grande utilidade para o futebol brasileiro. Precisamos competir. Ainda confundimos esporte com guerra. Precisamos sair desse isolamento. Jogar fora do Brasil o maior número de vezes possível. A jogar uma vez por mês fora seleção permanente poderia do Brasil. Creio que lutaríamos muito com isso. Ganharíamos. Os jogadores ficariam mais confiantes nela.

— A que você atribui este fato?

— Creio que isto acontece porque eles jogam juntos há muito tempo. Se não me engano, há quatro anos. Está claro que uma equipe formada por bons elementos, e que atua com a sua formação-base há 4 anos tem que impressionar, tem que apresentar um bom futebol. Mesmo perdendo a Copa, eles não modificaram a seleção.

Castilho passa a falar dos brasileiros:

— Nós jogamos bem. Muitos. Não culpo os jogadores brasileiros pelos últimos

anos fiascos, que fizemos em torneios internacionais.

— Culpo as organizações esportivas. Veja você. Agora mesmo a seleção carioca vai participar do campeonato brasileiro praticamente sem preparativos. Tudo foi feito as carreiras. Cuidamos mais, é para formar um «scratch» em apenas dois meses. Este é o tempo máximo.

— Os uruguaios?

— Castilho, é comum dizer-se, às vezes, que os uruguaios estão calmo de produção. Que acha você?

— Os uruguaios? Deveramente? Não acredito. Uma seleção, onde atuam Mathe

# "O MORRO DO BOREL É NOSSA CASA, DAQUI NÃO SAIREMOS!"

OS BARRACOS QUE O SR. MARCONDES NÃO RECONHECE COMO CASA — TRAMA DOS GRIELOS CONTRA SEIS MIL MORADORES — O "NÃO" DOS FAVELADOS CONTRA A INJUSTIÇA DE UM JUIZ

Na semana que passou, um juiz distante e tranquilo mandou despejar o Morro do Borel. Talvez saiba vagamente onde se localiza o morro, lá pros lá do Tijuca, uns terrenos ilegalmente ocupados por um agente de sombras, pessoas que vivem sob o olhar da Polícia e alvo das famosas batidas contra bandidos e malandros... Os gri-

## A MODA «LUCRÉCIO»

... ora, o morro foi sempre moradia de povo. Mesmo no tempo em que lá morava o guarda-mato Manoel Desidério, com denso arvoredo, muito bananal, muito bicho, inclusive onça, já havia moradores pela aba do morro. Era gente cruzando o Rio Maracanã, andando pelas chácaras, se abrigando. Por exemplo, o Sr. Francisco Xavier Nobrega mora há 23 anos no Borel.

— Sou do tempo em que passava o bonde «Alto da Boa Vista» pela Rua São Miguel. Isto aqui era bananal e não fechado.

E agora?

— Quem agir aqui a modo de lucrécio?

— Como, seu Francisco?

— A peito, botar a gente de nossos lares a péso de malandros. Para onde vamos? Bóca do Mato? Mas tudo é mentira. Que barracos na Bóca do Mato podem conter seis mil viventes deste morro?

Quanto à conversa de que os grieiros oferecem cinco mil cruzeiros e um barraco na Bóca do Mato, lá no morro ninguém sabe, ninguém confirma e respondem que é mais uma emboscada contra a população.

## NAO É CASA, DIZ O SR. MARCONDES

Grande parte da população trabalha na Sousa Araújo, Brahma ou fábrica de tecidos, em Maracanã. Estão a pouca distância do seu trabalho.

D. Maria Gonçalves Luiz é velha moradora do Borel. Conheceu o velho Desidério, viu-o morrer.

Não quis ir para o hospital, quis morrer neste chão.

D. Maria Gonçalves Luiz levava-nos à sua casa.

Nunca despejaram muito seu Sr. Marcondes, Ministro da Justiça, mandou prosseguir as batidas policiais contra os favelados. E chega a dizer que um barraco não é propriamente uma casa, embora possa merecer o direito de inviolabilidade do domicílio e olhe lá! Mas a polícia, essa, pode violar.

D. Maria mostrou o seu barraco.

Que é uma casa na opinião do Sr. Marcondes? E o seu apartamento de Ministro, são os palácios onde se acolhem príncipes e duques e outros parasitas internacionais para chapinhada. São as belas vivendas dos Guinle em Te-

leiros que querem assaltar os terrenos do Borel arranjaram uma escritura, fizeram a ação contra um sublocador que, por sua vez, como cúmplice, não se defendeu e permitiu que o juiz, do alto de suas tamancas, concedesse o mandado de despejo. E a vítima inocente, distraída, desprotegida, de toda a trama cruel, foi a população do morro.

fora. Trabalho na Souza Cruz. Envelheci lá. Não ganhei ainda aposentadoria porque o patrão aposenta quando a gente vai para o Caju.

## OS FAPELADOS RESPONDEM: NAO!

Envelheceu na poeira do fumo, humilde, anônima, moradora do Borel. Ali é a sua família. Aqui morro está cheio de gente assim, povoado de casas, embora sejam chamados de barracos, onde moram os produtores do fumo, do tecido, das bebidas, da riqueza de alguns senhores.

Agora, como prêmio, estão ameaçados de despejo. Em vez de lhes ajudarem a melhorar a moradia, e dar mais água, mais escolas, mais higiene, vem despejo em cima de seis mil viventes favelados. Essa é a decisão do juiz, do ministro, do griego. Mas não é a opinião dos favelados que decidem diferente.

Por isso mesmo, duas vezes o juiz mandou despejar e despejo não houve.

Os favelados respondem: não!

E um não por justiça, dito com a maior autoridade que existe na face da terra:

— Não tenho para onde ir, se me botarem daqui para

resópolis com faltas e pincas. Lugar onde pobre mora, na opinião do Ministro, não é casa, pode ser invadido a qualquer hora pela bota e pela metralhadora do Sr. Côrtes.

## CASA TÃO INVOLÁVEL QUANTO AS OUTRAS

E aqui estamos conversando com D. Maria, no Morro do Borel, na sua casa.

— Este barraco tem mais de 15 anos. A cobertura é de zinco. Comprei as tábulas e um conhecido, chamado Ernesto, assalhou.

No quarto, o chão é de cimento vermelhão. Esta a cama, um guarda roupa, objetos familiares. Na sala —

— Aqui está o interior de um barraco do Morro do Borel, onde mora uma família. Mas o Sr. Marcondes Filho, Ministro da Justiça, acha que não é casa. Casa só podem ser os apartamentos de luxo e os palácios com piscinas, fiosões e tapetes dos milionários. Por isso, considera natural que o Sr. Côrtes mande invadir esta sala, despejar, esta família e entregar os terrenos aos grieiros

a casa tem duas peças — quadros relíquias em que se destaca São Sebastião. Sobre a malha grande, um voo de urubus com que D. Maria cobra ao seu arrojo. Os netos aparecem. Aqui e ali uma lembrança da família, a tábua, o quadro, o ferro de engomar, o espelho do móvel, tudo isso foi obtido à duras penas, no trabalho da Souza Cruz, onde D. Maria é operária. Tudo isso, palmo a palmo, peça por peça, rádio, lençol, lâmpada, tudo isso é lar, é família, é casa. Mas o Sr. Marcondes faz distinção entre pouca e sua «sociedade». A «sua sociedade» MORA, e o povo NAO MORA, logo o povo não tem casa e assim pode a polícia invadir, bater, despejar.

— Não tenho para onde ir, se me botarem daqui para

resópolis com faltas e pincas. Lugar onde pobre mora, na opinião do Ministro, não é casa, pode ser invadido a qualquer hora pela bota e pela metralhadora do Sr. Côrtes.

— Aqui está o interior de um barraco do Morro do Borel, onde mora uma família. Mas o Sr. Marcondes Filho, Ministro da Justiça, acha que não é casa. Casa só podem ser os apartamentos de luxo e os palácios com piscinas, fiosões e tapetes dos milionários. Por isso, considera natural que o Sr. Côrtes mande invadir esta sala, despejar, esta família e entregar os terrenos aos grieiros

## A IMPRENSA POPULAR EM TODAS AS MÃOS



Trata-se, como se vê, de um belo automóvel e para conquistá-lo tanto os funcionários como os leitores e amigos da I. P. não pouparão esforços

## VAMOS GANHAR ESTE AUTOMÓVEL PARA A "IMPRENSA POPULAR"?

Uma iniciativa da Comissão Promotora, cuja decisão está nas mãos dos funcionários da I. P. e dos nossos leitores e amigos — E nossa reportagem está precisando de transporte!

Temos, hoje, uma auspiciosa noticia para os leitores e amigos da IMPRENSA POPULAR: a Comissão Promotora do «Mês da Imprensa Popular», por sugestão do romancista Jorgo Amado, resolveu oferecer um grande e bonito automóvel a um dos três maiores órgãos da imprensa democrática. A idéia foi acolhida com entusiasmo. Mas, desde já, surge uma questão: a quem seria dado o carro? A IMPRENSA POPULAR, à Voz Operária, ou ao diário paulista «Notícias de Hoje»?

A solução não tardou a ser encontrada. Nossos leitores e amigos já a estariam adivinhando: uma emulação, entre os três órgãos, no «Mês da Imprensa Popular».

Assim, pois, apressamo-nos em tornar pública anova iniciativa da Comissão Promotora, ao mesmo tempo, que, desde já, fazemos um ardente apelo aos nossos leitores e amigos: Conquitemos para este Jornal o automóvel! Que ele venha para a IMPRENSA POPULAR!

### BASES DA EMULSAÇÃO

De acordo com o estabelecido pela Comissão Promotora, terá vencido a emulação quem melhor realizar a campanha do «Mês da Imprensa Popular», atingindo e superando os objetivos estabelecidos, a saber: a) aumento da difusão em 100 por cento; b) efetiva melhoria da apresentação gráfica dos jornais e melhor qualidade das suas matérias; c) orga-

nização, em caráter permanente, do corpo de correspondentes; d) organização de um movimento ajudista permanente com o maior número de sócios.

Como se vê, nos quatro objetivos acima estão condensadas todas as tarefas do «Mês da Imprensa Popular». Pode parecer que as relativas às finanças, à coleta de recursos financeiros, não contam na emulação. Entretanto, chamamos a atenção dos leitores para o fato de que as tarefas referentes às finanças estão limpíssimas não só no aumento da difusão (compra de máquinas, veículos, etc.), como na melhoria da apresentação gráfica (compra de novas máquinas, tipos e material tipográfico, em geral, instala-

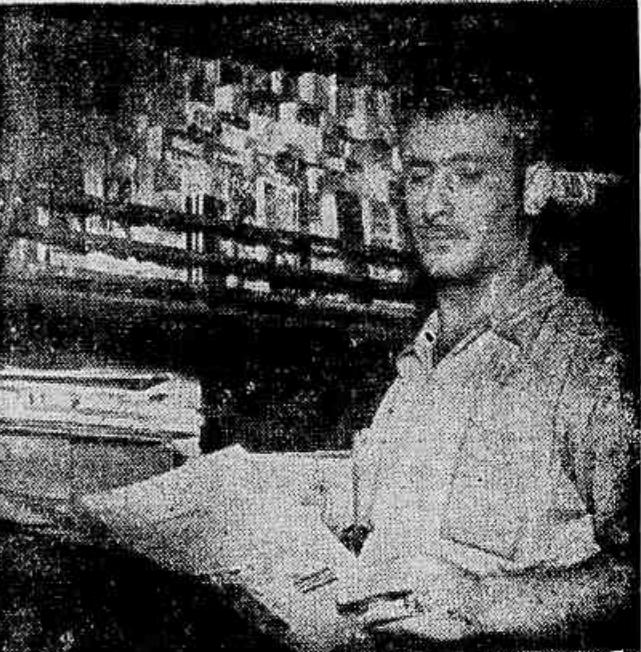
ção de uma gravura, etc.) da qualidade das matérias (proporcionando maiores recursos à redação) e na própria organização do movimento ajudista de caráter permanente.

### NAS MAOS DOS NOSSOS LEITORES E AMIGOS

Acha-se, pois, lançada a grande emulação. Está em nossas mãos — nas dos funcionários da I. P., como nas dos nossos leitores e amigos — conquistar para o nosso Jornal o belo automóvel. Será uma grande coisa, amigos, sobretudo para o setor da reportagem, que terá transporte rápido para atender às solicitações que receberemos e a que, hoje, muitas vezes não podemos atender.

Vamos sair para a vitória!

## SEU AMIGO, O JORNALERO



Dalmaso chegou ao Brasil há 4 anos, vindo de Paula, Itália, onde a vida não estava nada boa. Dalmaso Novello, é seu nome completo, mora com sua velha mãe, que lhe faz recordar freqüentemente a pátria distante, preparando succulentas macarronas. Trabalha na banca da Avenida Almirante Barroso, entre as Ruas Debret e Graça Aranha, desde que chegou ao Brasil. Nas horas vagas — e não são muitas — diverte-se assistindo a um bonito filme (italiano) ou a uma partida de futebol no Maracanã. Dalmaso Novello sempre expõe a IMPRENSA POPULAR em sua banca e essa é uma das razões da boa venda que faz diariamente.

## DUAS IMPRENSAS

INDIQUEMOS algumas das fontes que alimentam a máquina de desinformação e calúnia que são os «Diários Associados».

Grupos de tubarões nacionais e internacionais sustentam o negócio. Isso sem falar nos assaltos freqüentes ao Banco do Brasil. Ainda há pouco o Deputado Rafael Correia de Oliveira declarou que Assis Chateaubriand, gerente do negócio infecto

que tem causado um enorme

ao nosso país, deve ao

impôsto de Renda cerca de

milhões de reais.

que é o que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

que o

«CARTA A AMIGOS NO OCIDENTE»  
UM ARTIGO DE ANA SEGHERS  
A grande romancista alemã fala sobre o ofício do escritor  
(Leia na terceira página)

## O V CONCURSO CHOPIN

VARSÓVIA, 5 (U. P.) — Entre os 41 representantes de 16 países concorrentes à 1ª prova do V Concurso International Frederik Chopin, classificaram-se os seguintes: Brta, Silveira Caldas (BRASIL), Michel Matthes (Ingl.), Maitino Perio Celio (Itál.), Postiglione (Itál.), Monique Duphil e Françoise Le Gonidec (França).



## VIAGEM EM BUSCA DO HOSPITAL JESUS - FALTA DE PROTEINA OU OUTRA PALAVRA: FOME - NEM LEITO NEM RE-MÉDIOS PARA OS FILHOS

(Reportagem de DALCIDIO JURANDIR)

## MARTÍRIO E MORTE DE CRIANÇAS NO RIO

NUMEROSOS são os mistérios daqueles passageiros que os trens da Central, tumultuosamente, derramam na D. Pedro. Poderíamos dizer, com facilidade: o mistério é o trabalho. Vão trabalhar. Mas nos pen-

co, a mãe velou o filho que agora leva, sumidinho, nos panos velhos, rumo à Vila Isabel.

### Lá da Leopoldina

Também de madrugada saiu alguém de longe, lá da Leopoldina, trazendo um embrulho no colo. É uma senhora crioula, de olhos fundos, um ar de fadiga em todo o semblante consumido pelos dias e noites de trabalho e preocupações. Vem silenciosa no assento do trem, sem ter tomado café, sem um alimento, naquela 'água' de salvar o filho.

### De todas as direções

Assim outras mães chegam de Mangueira, do Senador Camará, de Madureira, de ruas da Central, que não existem na imaginação nem no conhecimento da gente do asfalto ou, principalmente, das ilustres pessoas que desgovernam este país. De todas as direções, vêm elas, pobres mães com seus doentinhos no colo, cheias de uma esperança ansiosa para chegar à sua José Mauricio, Vila Isabel.

Algumas delas, ou dezenas, estiveram nos hospitais ou centros de Saúde de seu bairro, na romaria em busca da salvação de seus filhos. Mas os hospitais de Leopoldina, da Central do Brasil, até do Estado do Rio, não possuem recursos para atender às crianças enfermas daquela gravidade. Mandam-nas para a Vila Isabel porque ali existe um hospital acochador e amplo, com milhares de leitos, dezenas de médicos, remédios em falta...

### Durante a viagem

Algumas travam conversações durante a viagem, falam de seus bebês, sorriem da coincidência: vão ambas para o ambulatório do Hospital Jesus.

A intimidade as aproxima e brotam confidências:

Morrem milhares de crianças no Rio por falta de hospitais

mentos, ansiedades e cuidados de tanta gente que chega aos apertos, correndo riscos, contando os minutos por temor ao atraso, — há mistérios diferentes, desfeitos na luz do sol já alto.

Por exemplo, esta senhora que vem dos fundos do subúrbio, no trem da madrugada, com a criança no colo? Irá trabalhar? Aonde vai?

Sumidinha nos panos, ali o choro das crianças que se agontizam, que se despedem da vida tão breve, que ao coração da mãe é como um grito desesperado de suas entranhas.

Noite em claro, no bar-

— A senhora não sabe o sacrifício. Pegar um trem lá de Bangu, chegar na hora da consulta, heim! Meu filho neste estado...

A outra mãe espicha o rosto, olha para o filho alheio, que parece sem salvação. O deus, de certo, está um pou-

CONCLUI NA 2ª PAG.

## GERARD PHILIPE FALA DE "O VERMELHO E O NEGRO"

(LEIA NA 4ª PÁGINA)

## «TIMON DE ATENAS» NA CENA TCHÉCA

PRAGA, 5 — O teatro regional de Hradec Králové pôs em cena a tragédia "Timon de Atenas" de William Shakespeare. É um ato cultural, pelo qual este teatro precedeu muitos teatros grandes, não só na Tchecoslováquia, mas também dos outros países, porque a história do misantropo Timon, da pena do genial Shakespeare, é desleixada pelas cenas de quase todo o mundo.

Talvez em nenhuma das suas peças Shakespeare critique tão sarcástico e inexoravelmente a sociedade, cujo impulso vital é o dinheiro, causa de todo o mal que deforma as relações entre os homens. Talvez em nenhuma das suas obras ele acuse tão impiedosamente as camadas sociais moralmente pervertidas e corruptas. Naturalmente, também em "Timon" o grande Shakespeare nos mostra, em contraste com a moral egoísta e falsa da gente da "alta" ateniense, a face do bem, nas pessoas de simples criados que guardam a fidelidade e amor ao seu amo, empobrecido e rejeitado pelos nobres, que se tratam por "fellow", amigavelmente e que se entreajudam leal e sinceramente, na miséria.



Cena dramática do filme "Mãos Sangrentas", produção de Roberto Acácio

## O CINEMA É CONTRA A GUERRA

Entrevista com o produtor Roberto Acácio na 4ª pág.

## O II Congresso de Escritores Soviéticos

Reportagem de Jorge AMADO

Na foto: Vista geral da plenária do II Congresso dos Escritores Soviéticos na Sala das Colunas do Palácio dos Sindicatos, em Moscou. (Texto na 8ª página)

## DJANIRA VOLTOU DA BAHIA

«Já assinei o apelo contra a bomba atômica»

★  
Com os trabalhadores dos canaviais

★  
Quadros para o Museu de Antibes

★  
Entrevista na 5ª página



## MORREM MILHARES DE CRIANÇAS POR FALTA DE HOSPITAIS



Crianças sem saúde. Em seu rosto não existe alegria

(conclusão da 1.ª pág.)  
co autor, sussegue a longa queixa das dificuldades: desemprego em casa, ou salário tão pouco, carestia, impossível chamar um médico, talvez mais impossível comprar um remédio.

— Disseram que meu filho tem doença de tume. Mas onde vou encontrar leite? Nem o meu tenho, como posso?

O trem avança, despeja a multitudão na D. Pedro, a maternidade conduz as afflitas mães para a Vila Isabel. Crianças e crianças, encolhidas mudas ou choramingando, procuram ali a salvação.

## O triste desfilar

Desfilam as mães, com seus filhos doentes, na hora de expandir o número da chama.

Olhar aqueles rostos, aqueles fisionomias cansadas, magras, vindas do subúrbio é olhar uma parte grande do Brasil no seu drama de miséria e desamparo. Ali estão desfilando, como se viesssem pedir esmolas, como se pedissem para os filhos um médico e um remédio fosse pródigo.

## Desfazer uma lenda

Mas não lhes haviam fa-

lado que o Hospital Jesus era farto de remédios e médicos? Nos hospitais do subúrbio, quando lhes informaram sobre o «Jesus», tudo parecia fácil, havia tudo no hospital para acudir às crianças. Longo é o espanto das mães.

Mas se a filha é grande, mal amanhecendo, aí a espera se prolonga, a esperança não se apaga; principalmente para aquelas mães que vão ali pela primeira vez. E verdade que a seu lado outras resmungam, algumas desatam a queixa amarga, velhas elíxentes do «Jesus» não têm papas na língua e começam a revelar tudo.

## O ambulatório

O ambulatório está localizado um pouco antes do hospital. O prédio é inadequado pelas dependências rala uma velha, insistente falta de asseio que é o maior acolhimento feito aquelas mães coitadas que chegam de tão longe para salvar os filhos. E verdade que médicos, enfermeiros, atendentes, fazem o possível para dar um pouco de conforto, para salvar os doentinhos.

A fila é grande, choram as crianças, naqueles rostos que desfilam, desfilam também

(conclusão da 6.ª pág.)  
lham. Esses são apenas alguns nomes entre os muitos de literaturas que se enriquecem com rapidez no mesmo tempo que amadurecem artísticamente.

Que dizer dos povos que ontem ainda não tinham sequer alfabeto escrito? Nada mais emocionante para mim, nesse II Congresso dos Escritores Soviéticos, do que ver subir à tribuna escritores de povos que antes do Fórum Soviético não possuíam língua escrita, não sabiam o valor da palavra literatura. Hoje florescem esses povos, não só na fábrica das fábricas e dos colos, mas também na posse da cultura e a sua alma se expande nos poemas e romances. Já antes nos referimos aos escritores abjas, Gülia e ao seu romance. De um romance do escritor táraro Nadzimi, Presidente da União dos Escritores Tártaros, já se venderam na URSS um milhão e trezentos mil exemplares. Eu estive agora na República Autônoma Tártara, conversei com seus escritores, assisti ao ballet nacional, a peças de teatro escritas em língua tártara por dramaturgos tártaros. Ontem era a noite da opressão obscurantista, hoje é o meio-dia da cultura sem nenhuma trava oposta ao seu desenvolvimento, da cultura apoiada pelo Estado.

Já ouvistes falar no povo tuvino? Não tinha alfabeto antes de 17. Mas esse homem que fala da tribuna do II Congresso é Salchak Toká, escritor tuvino, e fala sobre a jovem literatura do seu povo, nascida após a Grande Revolução. Como sobre a literatura dos maris fala o escritor maril Nikolai Kasakov, ou sobre a literatura dos komis, o escritor komi Dlakonov. Tembot Korashov é adiuge. Todo seu povo aprendeu a ler após os dias de outubro de 17. O mesmo vos poderão dizer sobre o povo avaros, os escritores Rassul Gamsatov e Gamsat Tsashash, que escrevem em língua avaros, língua que não possuía alfabeto há alguns anos.

45 nacionalidades, 45 literaturas soviéticas estavam representadas nesse II Congresso dos Escritores contra 7 presentes ao I Congresso. Esse aspecto do balanço da literatura soviética parece-me dos mais importantes. Nesses vinte anos elasram-se os desravolvendo-se 45 literaturas nacionais, 38 a mais além das que, em 1924, já existiam. Os votos de Gorli se cumpriram; com o desaparecimento da opressão soviética e nacional as culturas nacionais puderam expandir-se e crescer e a literatura soviética se nos aparece hoje na grandeza radiosa de sua fisionomia multinaacional e ao mesmo tempo na grandeza indestruível da sua unidade socialista. Tão soviético é o romancista de

lingua russa, herdeiro de toda a experiência da literatura russa, Fedin, quanto o escritor de língua coreana Kim, do quem o IMPRENSA POPULAR publicou no Brasil, em folheto, um interessantíssimo relato. Tão soviético é o poeta russo Aseev, herdeiro da experiência de Maiaikowski, seu



O romancista checoslovaco Jan Duda conversa com A. Iug, do Uzbequistão

continuador, quanto o carelo Guttari ou o moldavo Lupan.

Literatura multi-nacional, literatura que é símbolo da liberdade dos povos da U.R.S.S., da fartura e da nova vida criada pelo Poder Soviético. Literatura que nasce da aplicação do verdadeiro humanismo, que é expressão do puro humanismo, do humano proletário. Literatura que eleva o homem, que cresce com ele, literatura que é a mais alta de todos os tempos, herdeira de Leon Tolstói e Pushkin, e que é também a mais jovem de todos os tempos, literatura de povos que só há 30 anos aprenderam a escrever. A grandeza dessa literatura não tem exemplo na história da humanidade, ela é a verdade a extrair no balanço feito no II Congresso.

ESCRITORES LIVRES DISCUTEM OS INFORMES E AS INTERVENÇÕES — Se entre a riqueza enorme de qualidades a engredar o II Congresso, eu devesse dizer qual a mais característica de todas elas, creio que me decidiria pela liberdade da discussão. Liberdade de discussão.

Alguém me disse, comentando a discussão do II Congresso: «Discutem, discutem, mas no final estão todos de acordo. Se alguém quiser escrever um livro

tão de acordo com o regime, todos eles estão de acordo com que a literatura soviética é parte integrante desse regime, é expressão desse regime que é, ao ver deles, e a meu ver também, o melhor dos regimes, aquele que se exerce em função da felicidade do homem e da possibilidade do desenvolvimento da literatura e a missão do escritor. Sobre isso estão todos eles de acordo, não há nenhuma divergência fundamental de princípios.

O que não significa, de maneira alguma, que não existe, sobre todos os dezoito problemas colocados pelo metier do escritor, um amplo debate de opiniões, tão amplo como nunca vi em minha vida. Modos de encarar o trabalho profissional e social, divergências em relação à aplicação do realismo socialista (ao lado de umânime aceitação do realismo socialista como método de criação artística), sobre problemas formais, sobre a fénica do verso ou do romance, sobre uma infinitade de coisas.

DISCUSSÃO no II Congresso teve bem presente um trecho da inenarrável saudação do C.C. do Partido: «O realismo socialista permite manifestar uma ampla iniciaativa criadora e eleger diversas formas e estilos, em consonância com as inclinações e gostos individuais dos escritores». Esse ponto da mensagem do Comitê

as noites mal dormidas, os trabalhos mal remunerados, a dura condição da maternidade no Brasil. E esperam.

Começa a chamada. Quantas all tomaram café, roaram um pão apressadamente, ou fizeram algo que possa alimentar as crianças até que estas sejam examinadas pelo médico?

## A palavra proteína

De inicio, é a pesagem das crianças.

Não se pesam crianças mas, ossinhos de bebês esqueléticos ou inchados por falta de uma coisa que os médicos preferem chamar, misteriosamente: proteína.

As mães desconhecem a palavra nem o médico procura instruí-las. Para quê? Se uma palavra basta para substituir proteína, vitamina, cálcio, etc., etc. e que se chama fome?

Decorro, o médico murmura à enfermeira, às atendentes, de que se trata de uma subnutrição. Mas é palavra um pouco imprópria diante da realidade: estampada em dezenas de rostos de mães e de dezenas de crianças que morrem à mingau.

Fome é um diagnóstico simples.

Então, começa a luta para internar as crianças no hospital. Muitas se acham gravemente enfermas, dependentes de um tratamento hospitalar, de uma cura de alimentação.

As mães não sabem o que fazer... Terá leitos no hospital? Poderão as crianças passar uma semana ao menos, para acabar com aquela inchação produzida pela fome ou aquela gresga de anjinhos?

— Só é a resposta: — Não há leito.

## O ilusão das mães pobres!

O hospital tem cento e tantos leitos ocupados. Não há um disponível. O leito é examinar os guris, apenar mandar as mães à farmácia para pegar o medicamento.

— Ao menos resta o consumo de levar um remédio.

Mas é ilusão de mães pobres, também difícil, impossível quase, é a busca de um remédio, de um remedinho que possa ao menos adiar a morte da criança!

## Trazem vidro?

Nova fila, novo desfilar em torno da farmácia para pegar o número, esperar a chamada, a fim de que

Estes são os adultos de amanhã. O governo, obediente aos interesses antinacionais, não lhes garante a necessária assistência hospitalar

lhes chegue às mãos o remédio.

— Trouxeram vidro? Uma garrafa? E a estranha pergunta.

Algumas trouxeram, outras, não. Por isso mesmo há uma confusão entre as mães na fila. Como, naquele hora, achar um vidro? Sem trazer vidros, o ambulatório não pode fornecer remédios; muitas vezes de remédio só formecem um rótulo. E assim, muitas daquelas sofredoras voltam com as mãos cheias, apenas de seu filho mais doente, mais gravemente enfermo, talvez anjo ao chegar em casa.

## Ah, Hospital Jesus!

O Hospital Jesus vive esse drama, todos os dias atei, desde cedo, mal clareou o dia. Por sinal que tem zonas limitadas para atender; não poderia atender a toda a cidade. No entanto, como não há outro, todas as mães pobres erguem os seus filhos ao socorro daquele hospital que se torna impotente diante da tanta criança que está morrendo simplesmente de fome.

Bastaria um tratamento regular de proteína, dizes o médico e estariam recuperadas dezenas e dezenas de crianças. O ambulatório só dá consultas às mães como clientes extras. Não podem ficar no hospital. As crianças morrem porque não tem vacina no hospital.

As mães contam que não há leite, não há alimentos, e levam um remédio que não

pode de forma alguma curar os filhos. Na semana seguinte, a implacável apa-



As crianças dos bairros operários a portas do hospital. Quando serão atendidas?

rece de novo nas crianças, devastadora.

O médico fala na necessidade de uma rede hospitalar para atender as crianças, postos volantes que fossem ao subúrbio, levar o socorro que as mães vêm buscar em Vila Isabel e não o têm.

O ambulatório tem quatro médicos. Cada médico examina, pelo menos vinte crianças cada um. As atendentes mal pagas são em número insuficiente.

O drama das crianças no Rio de Janeiro, não termina ali. Existe outro aspecto mais doloroso.

As mães que podem vir, com seus filhos, até o Hospital Jesus, falam das direções. Ficam ainda outras mães, ainda mais desamparadas, que nem roupa têm, nem dinheiro para apanhar a alegria do hospital.

As mães que temem que nenhuma que teme defacear. Não comem nada até agora. E meio dia. No colo, mais deentes e mal medicadas, as crianças regressam.

As mães que nada dissem, partilharam, quantas sob o choro das mães, levadas para sempre.

O quadro não tem exageros, é um dia da maioria das mães do Rio de Janeiro que levantam o seu grito de protesto e revolta contra o critico.

Onde estão as verbas da

des. de toda uma série de livros que haviam sido vitimas dessa critica terrorista.

## UMA LITERATURA A SERVIÇO DA PAZ...

Central esteve, por assim dizer, à base da crítica feita contra o esquematismo e o mecanicismo. Os escritores chegaram ao II Congresso decididos a terminar, de uma vez por todos, com certas tendências limitadoras da obra de criação, tendências que haviam proliferado na literatura soviética nos últimos anos, e a qual já me referi ao falar sobre a discussão que precedeu o Congresso. Este em realidade foi um prolongamento daquela discussão, seu momento culminante, quando vários colas se fizeram inteiramente claras. Pode-se dizer que o II Congresso, através da discussão do plenário, significou o fim da influência esquemática e mecanicista na literatura soviética. O fim, também, da crítica transformada em tribunal de livros, da crítica podendo destruir um livro e impedi-lo de sair. O fim de toda uma série de tendências perigosas, como a ausência do conflito e do herói positivo. O fim da limitação das experiências formais, resultante dessa tensão.

Central esteve, por assim dizer, à base da crítica feita contra o esquematismo e o mecanicismo. Os escritores chegaram ao II Congresso decididos a terminar, de uma vez por todos, com certas tendências limitadoras da obra de criação, tendências que haviam proliferado na literatura soviética nos últimos anos, e a qual já me referi ao falar sobre a discussão que precedeu o Congresso. Este em realidade foi um prolongamento daquela discussão, seu momento culminante, quando vários colas se fizeram inteiramente claras. Pode-se dizer que o II Congresso, através da discussão do plenário, significou o fim da influência esquemática e mecanicista na literatura soviética. O fim, também, da crítica transformada em tribunal de livros, da crítica podendo destruir um livro e impedi-lo de sair. O fim de toda uma série de tendências perigosas, como a ausência do conflito e do herói positivo. O fim da limitação das experiências formais, resultante dessa tensão.

Tal direção já começou a se fazer sentido nos informes. Além do informe de Alexis Sorkov, de balanço geral, o II Congresso ouviu os informes de Simonov sobre prosa, de Zamed Vorgum sobre poesia, de Korneichuk sobre dramaturgia teatral, de Boris Polevoi sobre literatura infantil, de Guerassimov sobre dramaturgia cinematográfica, de Alurikov sobre crítica, um excelente informe sobre o problema de traduções e o informe de Tikhonov sobre a literatura proletária.

Central esteve, por assim dizer, à base da crítica feita contra o esquematismo e o mecanicismo. Os escritores chegaram ao II Congresso decididos a terminar, de uma vez por todos, com certas tendências limitadoras da obra de criação, tendências que haviam proliferado na literatura soviética nos últimos anos, e a qual já me referi ao falar sobre a discussão que precedeu o Congresso. Este em realidade foi um prolongamento daquela discussão, seu momento culminante, quando vários colas se fizeram inteiramente claras. Pode-se dizer que o II Congresso, através da discussão do plenário, significou o fim da influência esquemática e mecanicista na literatura soviética. O fim, também, da crítica transformada em tribunal de livros, da crítica podendo destruir um livro e impedi-lo de sair. O fim de toda uma série de tendências perigosas, como a ausência do conflito e do herói positivo. O fim da limitação das experiências formais, resultante dessa tensão.

Central esteve, por assim dizer, à base da crítica feita contra o esquematismo e o mecanicismo. Os escritores chegaram ao II Congresso decididos a terminar, de uma vez por todos, com certas tendências limitadoras da obra de criação, tendências que haviam proliferado na literatura soviética nos últimos anos, e a qual já me referi ao falar sobre a discussão que precedeu o Congresso. Este em realidade foi um prolongamento daquela discussão, seu momento culminante, quando vários colas se fizeram inteiramente claras. Pode-se dizer que o II Congresso, através da discussão do plenário, significou o fim da influência esquemática e mecanicista na literatura soviética. O fim, também, da crítica transformada em tribunal de livros, da crítica podendo destruir um livro e impedi-lo de sair. O fim de toda uma série de tendências perigosas, como a ausência do conflito e do herói positivo. O fim da limitação das experiências formais, resultante dessa tensão.

Central esteve, por assim dizer, à base da crítica feita contra o esquematismo e o mecanicismo. Os escritores chegaram ao II Congresso decididos a terminar, de uma vez por todos, com certas tendências limitadoras da obra de criação, tendências que haviam proliferado na literatura soviética nos últimos anos, e a qual já me referi ao falar sobre a discussão que precedeu o Congresso. Este em realidade foi um prolongamento daquela discussão, seu momento culminante, quando vários colas se fizeram inteiramente claras. Pode-se dizer que o II Congresso, através da discussão do plenário, significou o fim da influência esquemática e mecanicista na literatura soviética. O fim, também, da crítica transformada em tribunal de livros, da crítica podendo destruir um livro e impedi-lo de sair. O fim de toda uma série de tendências perigosas, como a ausência do conflito e do herói positivo. O fim da limitação das experiências formais, resultante dessa tensão.

Central esteve, por assim dizer, à base da crítica feita contra o esquematismo e o mecanicismo. Os escritores chegaram ao II Congresso decididos a terminar, de uma vez por todos, com certas tendências limitadoras da obra de criação, tendências que haviam proliferado na literatura soviética nos últimos anos, e a qual já me referi ao falar sobre a discussão que precedeu o Congresso. Este em realidade foi um prolongamento daquela discussão, seu momento culminante, quando vários colas se fizeram inteiramente claras. Pode-se dizer que o II Congresso, através da discussão do plenário, significou o fim da influência esquemática e mecanicista na literatura soviética. O fim, também, da crítica transformada em tribunal de livros, da crítica podendo destruir um livro e impedi-lo de sair. O fim de toda uma série de tendências perigosas, como a ausência do conflito e do herói positivo. O fim da limitação das experiências formais, resultante dessa tensão.

Central esteve, por assim dizer, à base da crítica feita contra o esquematismo e o mecanicismo. Os escritores chegaram ao II Congresso decididos a terminar, de uma vez por todos, com certas tendências limitadoras da obra de criação, tendências que haviam proliferado na literatura soviética nos últimos anos, e a qual já me referi ao falar sobre a discuss

Frances trinta moças ao todo. Apenas seis ou sete idealistas. Mas era comum o nosso objetivo formular um círculo ao redor de uma ideia única: uma revista feminina.

— Você está se iludindo, pensando que é muito fácil — comentava Cecília Meireles com o pessimismo de suas experiências.

— Seu entusiasmo não duraria muito — me respondia Sarah Marques quando por isso se afastava de nós.

Eu teimava em prosseguir e argumentava:

— As mulheres da Grécia faziam um jornal feminino diário. E lutaram contra o governo que lhes subtraiu a cota de papel (porque os governos só servem para criar dificuldades — todas as iniciativas particulares). Que somos nós afinal? — ate perguntava, uns ratos?

As asperções da luta desigual, a saúda dos homens que tinham nas mãos o poder de conceder a publicidade, a inviabilidade de algumas mulheres mercenárias, aniquilavam a nossa força realizadora. Outras mulheres, bem mulheres, muito mulheres até, só apareciam se havia filiação na redação. Esqueciam suas colaborações, mas traziam com o seu melhor vestido, seus penteados artísticos e até chapéuzinhos graciosos e fotografáveis. As poucas a redação se despediam de colaboradoras. Ficavam as três tecinhas!

No silêncio da sala, quantas vezes folheavam as pastas onde se acumulavam cartas de mulheres e homens, vindas de todos os recantos do Brasil, reclinando suas boas palavras de estima e generosa admiração e conseguiam tirar dali novas forças para prosseguir.

— Não tem sido de todo inútil nossa luta — amparavam-nos mutualmente.

Contudo, um dia, a revista caiu: vencido nosso entusiasmo, combalido o nosso fisco, arrasada a nossa moral...

Passado tanto tempo, sómente a fôrça da IMPRENSA POPULAR poderia nos trazer de novo a luta com o programa de uma "Imprensa Feminina" e o desejo honesto de auxiliar as mulheres, lutar por essas frágiles e doces criaturas, esclarecer-las, educá-las. F. ajudar, ajudar sempre, acima de tudo, na conquista de seus direitos, na reconquista da sua dignidade, tantas vezes ultrajada. E aqui estamos de novo. Prontas para oferecer à mulher brasileira o benefício de suas experiências, o carinho, a inteligência, o devotamento, de uma equipe de mulheres, para todas vocês outras, nossas irmãs, compatriotas e amigas...

JUREMA

## BILHETE- RESPONSA

LUIZA VICENTE

Da pergunta de uma amiga faço o meu primeiro bilhete-resposta. Disse-me ela: "Luisa, eu não entendo nada dessas coisas, mas você não acha que talvez fosse melhor deixar os americanos explorar o nosso petróleo? Eu ouvi dizer que é bobagem ter medo dos americanos, porque se eles quisessem dominar o Brasil, com o que o Brasil lhes está de vendo, eles já o teriam feito."

— Como pode você pensar assim? Se os americanos explorarem o nosso petróleo, é mais essa imensa riqueza do Brasil que se escoraria para aumentar o poder dos Estados Unidos sobre nós e sobre todos os países, que elas chamarão de subdesenvolvidos para tornar contas deles com programas de proteção... Vejamos, por que é que o Brasil é pobre? Você já pensou no tamanho do Brasil? Maior em superfície do que os Estados Unidos? Pensaram nesses milhões e milhões de quilômetros quadrados, com florestas imensas (poucos países têm hoje florestas que se comparem com as brasileiras e elas podem constituir uma das principais fontes de riqueza de um país), com terras férteis para as mais ricas culturas do mundo, terras próprias para gado, rios enormes e grandes quedas d'água, minérios em profusão e dos mais importantes. Você já pensou? F. como se você estivesse sentada numa arca de ouro fechada e passando fome em cima! E não me vai dizer que é culpa do povo brasileiro! Você sabe como é o homem do interior: rijo e corajoso, resistindo às más duras condições de vida. Mas para onde vai todo o trabalho e o sacrifício dele? E. como se o Brasil estivesse continuamente sangrando, sangrando... Você julga que, por ser o Presidente da República brasileiro, os Estados Unidos não dominam o Brasil. Os americanos estão presentes na vida econômica, política, militar e cultural do Brasil como uma praga de berne. E enquanto elas estiverem, o Brasil continuará sendo este país imensamente rico e miseravelmente pobre, atado, apesar da coragem e lealdade, a compromissos militares infamantes, inundado, apesar da sensibilidade artística tão original e tão viva do nosso povo, por um dilúvio de filmes e publicações da malha baixa categoria. Pensamentos como esse, muito embora ingênuos, são perniciosos e facilitam a penetração estrangeira em nosso solo! Procure raciocinar com um pouco mais de cautela quando quiser formular uma opinião em que estejam implicados temas de tamanha importância como o nosso povo e a nossa pátria.

# Imprensa POPULAR Feminina

## OS DIREITOS DA MULHER

ESTHER DE FIGUEIREDO FERRAZ, GRANDE ADVOGADA PAULISTA, FAZ COMENTÁRIOS A MARGEM DO CÓDIGO CIVIL — AS BOMBAS ATÔMICA E DE HIDROGÊNIO DEVEM SER CONSIDERADAS, JURIDICAMENTE, CRIMES DE GENOCÍDIO



Dra. Esther de Figueiredo Ferraz

ESTER FIGUEIREDO Ferraz é excepcional. Não poderíamos apresentá-la de outra forma. Só para comprovar esta grande advogada paulista, valeria ter voador o capital bandeirante.

Passado tanto tempo, sómente a fôrça da IMPRENSA POPULAR poderia nos trazer de novo a luta com o programa de uma "Imprensa Feminina" e o desejo honesto de auxiliar as mulheres, lutar por essas frágiles e doces criaturas, esclarecer-las, educá-las. F. ajudar, ajudar sempre, acima de tudo, na conquista de seus direitos, na reconquista da sua dignidade, tantas vezes ultrajada. E aqui estamos de novo. Prontas para oferecer à mulher brasileira o benefício de suas experiências, o carinho, a inteligência, o devotamento, de uma equipe de mulheres, para todas vocês outras, nossas irmãs, compatriotas e amigas...

vivido em princípio, haveram de pequenas diferenças, mudadas apenas, no sexo. Quanto a mulher está casada, há mais restrições para a mesma em benefício da família. O que é justo, é que não haja para o homem as mesmas restrições com essa mesma finalidade.

Embora a mulher possua os mesmos direitos do homem, não os exerce, ou porque não pode na realidade ou porque os ignora.

E o fato é que a realidade — justamente pela ignorância da mulher — é terrivelmente infeliz à lei. Precisamos alertar a mulher — diz Ester com ênfase — quanto aos direitos que possui, os direitos que a lei lhe assegura. Uma vez encamplada de si própria, de sua ignorância causada pela situação econômica de dependência social; direi também, de sua comodidade e de sua incomensurável preguiça, elas se emanciparão da tirania masculina e conquistarão o resto.

— Agora, quanto à lei, existem restrições injustas como por exemplo: a mãe viva que se casa pela segunda vez perde o patrício poder dos primeiros filhos e para os mesmos é nomeado um tutor. Mas, como se explica então — indaga Ester — que na maioria dos casos o próprio padrasto, seja nomeado tutor, hurlando assim o próprio espírito de lei?

— Outra restrição, cabalmente injusta, é a relativa ao recebimento de herança. A mulher casada não pode receber uma herança sem o consentimento do marido. O espírito da lei é a questão-moral: evitar que a mulher receba por exemplo a herança de um amante. Ao marido, também, é negado o direito de receber uma herança de seu próprio pai se o marido assim achar conveniente. C. fato — conclui Ester — é que durante toda a minha carreira que já é bem longa e bastante rica em processos civis ainda não vi um marido que renegasse uma herança feminina. O que fica de tudo isso é a humilhação, a dolorosa dependência de uma autorização masculina para um fato que deveria ser natural decorrente do próprio direito feminino.

Contudo — prossegue — existem duas situações bem distintas: a situação legal e a situação de fato. Por exemplo: a mulher solteira, casada, desquitada ou viúva é igual ao homem solteiro, casado, desquitado ou

deverá viajar para fora do país, acompanhando a mãe, sem autorização do pai.

A interpretação das leis sob o ponto-de-vista feminino será um benefício para as mulheres

Perguntamos à Dra. Ester se a profissão de advogada é compatível com a condição da mulher e se isto poderá trazer benefícios na aplicação da lei e da justiça.

Crelo — diz-nos Ester — que se as mulheres colaborassem na elaboração das leis muita injustiça, muita imperfeição seria amenizada. Exercendo a profissão de advogada, não elaboramos interpretá-las de uma forma feminina que sempre traria benefícios à mulher. Devem porém as mulheres advogadas, escolher um campo de direito onde possam desenvolver sua capacidade e suas tendências. Eu não me dedicaria, jamais, à advocacia comercial por me faltar inclinação. Na minha opinião a advocacia criminal deveria ser o caminho escolhido pelo mulher advogada. Onde haja uma disputa de família, problemas de conjuge, de filhos, de aliança e aí deu de veneno. Ora, se considerarmos que a mulher tem como seu meio natural a família, o conjujo e, não o meio desconhecido, distante do lar, seu campo de ação é por coincidência naturalmente o seu círculo afetivo, e não devia, portanto, ser considerado um agravante. No caso do uso dos venenos, também, se interpretarmos que a mulher sendo mais fraca que o homem e não estando habituada como o homem ao uso da arma branca, usará o veneno naturalmente, pois se coaduna mais com a sua natureza de ser, evitando a sua presença no campo da luta. Crelo que uma advogada tem

a possibilidade de anular agravantes, como essas, pois estas constituem o meio natural da mulher, a sua maneira natural de agir de acordo com as circunstâncias da vida feminina.

A questão da participação da mulher nos júris

— Por que os jurados são constituídos quase exclusivamente de elemento masculino?

Ester nos informa: — Até há pouco tempo haviam muitas mulheres nos júris de São Paulo. Um dia, chegou um juiz que as excluiu e desde então não se tem cogitado de sua volta que seria justa e necessária. Entretanto, nas comarcas do interior o corpo de jurados é constituído de mais de cinquenta por cento de elementos femininos. Compreendo que o jurado é um juiz de fato, portanto se a mulher pode ser ré, testemunha (que é mais importante até podendo ser falsa e constituindo, ainda, base para o julgamento do júri), não vejo por que não possa ser jurado, também.

Estes nos informa: — Até

há pouco tempo haviam muitas mulheres nos júris de São Paulo. Um dia, chegou um juiz que as excluiu e desde então não se tem cogitado de sua volta que seria justa e necessária. Entretanto, nas comarcas do interior o corpo de jurados é constituído de mais de cinquenta por cento de elementos femininos. Compreendo que o jurado é um juiz de fato, portanto se a mulher pode ser ré, testemunha (que é mais importante até podendo ser falsa e constituindo, ainda, base para o julgamento do júri), não vejo por que não possa ser jurado, também.

Comentamos os horrores sofridos pelas mulheres japonesas, de seus filhos anormais, das contaminações de alimentos, águas, etc., e da indenização oferecida pelos americanos.

to de agudo interesse mundial: — As bombas atômicas e de hidrogênio, mesmo na sua fase experimental, pelos danos morais e materiais que causam às populações civis, juridicamente devem ser considerados frente ao Direito Internacional crimes de genocídio. Falamos das experiências feitas pelos americanos próximos no Japão e das futuras experiências anunciamos para o Polo Sul. Ester nos esclareceu seu pensamento:

— Penso que qualquer invenção científica, mesmo que na sua fase experimental seja perniciosa apenas ao seu inventor, poderá até ser injetada no próprio corpo do interessado se esta é sua vontade: morrer para a ciência. Podemos até considerá-lo um herói. Mas, já nem podemos dizer "não guerra, como guerra" se as expériências de tempos de paz atingem as populações civis alienadas aos interesses helicoidais. Nesse caso, fora de dúvida, devem ser considerados crimes de genocídio frente ao Direito Internacional.

Comentamos os horrores sofridos pelas mulheres japonesas, de seus filhos anormais, das contaminações de alimentos, águas, etc., e da indenização oferecida pelos americanos.

## GINÁSTICA PARA OS BEBÉS



Passamos então a um assunto

— Efetivamente, — prossegue — creio que a participação da mulher na vida política do país é mesmo frente aos problemas que interessam à humanidade inteira deveria ser maior. Para mim as mulheres brasileiras estão divididas em duas classes: a feliz e a infeliz, ambas muito tecidas no seu pequeno círculo em que gravitam, apenas, os seus problemas pessoais e envoltos em uma ignorância completa relativamente aos problemas do país e do mundo. Precisamos alargar a nossa visão, entregar-nos mais aos nossos semelhantes, participarmos mais do ritmo que rege os problemas de toda humanidade.

Passamos então a um assunto

— Efetivamente, — prossegue — creio que a participação da mulher na vida política do país é mesmo frente aos problemas que interessam à humanidade inteira deveria ser maior. Para mim as mulheres brasileiras estão divididas em duas classes: a feliz e a infeliz, ambas muito tecidas no seu pequeno círculo em que gravitam, apenas, os seus problemas pessoais e envoltos em uma ignorância completa relativamente aos problemas do país e do mundo. Precisamos alargar a nossa visão, entregar-nos mais aos nossos semelhantes, participarmos mais do ritmo que rege os problemas de toda humanidade.

Passamos então a um assunto

— Efetivamente, — prossegue — creio que a participação da mulher na vida política do país é mesmo frente aos problemas que interessam à humanidade inteira deveria ser maior. Para mim as mulheres brasileiras estão divididas em duas classes: a feliz e a infeliz, ambas muito tecidas no seu pequeno círculo em que gravitam, apenas, os seus problemas pessoais e envoltos em uma ignorância completa relativamente aos problemas do país e do mundo. Precisamos alargar a nossa visão, entregar-nos mais aos nossos semelhantes, participarmos mais do ritmo que rege os problemas de toda humanidade.

Passamos então a um assunto

— Efetivamente, — prossegue — creio que a participação da mulher na vida política do país é mesmo frente aos problemas que interessam à humanidade inteira deveria ser maior. Para mim as mulheres brasileiras estão divididas em duas classes: a feliz e a infeliz, ambas muito tecidas no seu pequeno círculo em que gravitam, apenas, os seus problemas pessoais e envoltos em uma ignorância completa relativamente aos problemas do país e do mundo. Precisamos alargar a nossa visão, entregar-nos mais aos nossos semelhantes, participarmos mais do ritmo que rege os problemas de toda humanidade.

Passamos então a um assunto

— Efetivamente, — prossegue — creio que a participação da mulher na vida política do país é mesmo frente aos problemas que interessam à humanidade inteira deveria ser maior. Para mim as mulheres brasileiras estão divididas em duas classes: a feliz e a infeliz, ambas muito tecidas no seu pequeno círculo em que gravitam, apenas, os seus problemas pessoais e envoltos em uma ignorância completa relativamente aos problemas do país e do mundo. Precisamos alargar a nossa visão, entregar-nos mais aos nossos semelhantes, participarmos mais do ritmo que rege os problemas de toda humanidade.

Passamos então a um assunto

— Efetivamente, — prossegue — creio que a participação da mulher na vida política do país é mesmo frente aos problemas que interessam à humanidade inteira deveria ser maior. Para mim as mulheres brasileiras estão divididas em duas classes: a feliz e a infeliz, ambas muito tecidas no seu pequeno círculo em que gravitam, apenas, os seus problemas pessoais e envoltos em uma ignorância completa relativamente aos problemas do país e do mundo. Precisamos alargar a nossa visão, entregar-nos mais aos nossos semelhantes, participarmos mais do ritmo que rege os problemas de toda humanidade.

Passamos então a um assunto

— Efetivamente, — prossegue — creio que a participação da mulher na vida política do país é mesmo frente aos problemas que interessam à humanidade inteira deveria ser maior. Para mim as mulheres brasileiras estão divididas em duas classes: a feliz e a infeliz, ambas muito tecidas no seu pequeno círculo em que gravitam, apenas, os seus problemas pessoais e envoltos em uma ignorância completa relativamente aos problemas do país e do mundo. Precisamos alargar a nossa visão, entregar-nos mais aos nossos semelhantes, participarmos mais do ritmo que rege os problemas de toda humanidade.

Passamos então a um assunto

— Efetivamente, — prossegue — creio que a participação da mulher na vida política do país é mesmo frente aos problemas que interessam à humanidade inteira deveria ser maior. Para mim as mulheres brasileiras estão divididas em duas classes: a feliz e a infeliz, ambas muito tecidas no seu pequeno círculo em que gravitam, apenas, os seus problemas pessoais e envoltos em uma ignorância completa relativamente aos problemas do país e do mundo. Precisamos alargar a nossa visão, entregar-nos mais aos nossos semelhantes, participarmos mais do ritmo que rege os problemas de toda humanidade.

Passamos então a um assunto

— Efetivamente, — prossegue — creio que a participação da mulher na vida política do país é mesmo frente aos problemas que interessam à humanidade inteira deveria ser maior. Para mim as mulheres brasileiras estão divididas em duas classes: a feliz e a infeliz, ambas muito tecidas no seu pequeno círculo em que gravitam, apenas, os seus problemas pessoais e envoltos em uma ignorância completa relativamente aos problemas do país e do mundo. Precisamos alargar a nossa visão, entregar-nos mais aos nossos semelhantes, participarmos mais do ritmo que rege os problemas de toda humanidade.

Passamos então a um assunto

— Efetivamente, — prossegue — creio que a participação da mulher na vida política do país é mesmo frente aos problemas que interessam à humanidade inteira deveria ser maior. Para mim as mulheres brasileiras estão divididas em duas classes: a feliz e a infeliz, ambas muito tecidas no seu pequeno círculo em que gravitam, apenas, os seus problemas pessoais e envoltos em uma ignorância completa relativamente aos problemas do país e do mundo. Precisamos alargar a nossa visão, entregar-nos mais aos nossos semelhantes, participarmos mais do ritmo que rege os problemas de toda humanidade.

Passamos então a um assunto

— Efetivamente, — prossegue — creio que a participação da mulher na vida política do país é mesmo frente aos problemas que interessam à humanidade inteira deveria ser maior. Para mim as mulheres brasileiras estão divididas em duas classes: a feliz e a infeliz, ambas muito tecidas no seu pequeno círculo em que gravitam, apenas, os seus problemas pessoais e envoltos em uma ignorância completa relativamente aos problemas do país e do mundo. Precisamos alargar a nossa visão, entregar-nos mais aos nossos semelhantes, participarmos mais do ritmo que rege os problemas de toda humanidade.

Passamos então a um assunto

— Efetivamente, — prossegue — creio que a participação da mulher na vida política do país é mesmo frente aos problemas que interessam à humanidade inteira deveria ser maior. Para mim as mulheres brasileiras estão divididas em duas classes: a feliz e a infeliz, ambas muito tecidas no seu pequeno círculo em que gravitam, apenas, os seus problemas pessoais e envoltos em uma ignorância completa relativamente aos problemas do país e do mundo. Precisamos alargar a nossa visão, entregar-nos mais aos nossos semelhantes, participarmos mais do ritmo que rege os problemas de toda humanidade.

Passamos então a um assunto

— Efetivamente, — prossegue — creio que a participação da mulher na vida política do país é mesmo frente aos problemas que interessam à humanidade inteira deveria ser maior. Para mim as mulheres brasileiras estão divididas em duas classes: a feliz e a infeliz, ambas muito tecidas no seu pequeno círculo em que gravitam, apenas, os seus problemas pessoais e envoltos em uma ignorância completa relativamente aos problemas do país e do mundo. Precisamos alargar a nossa visão, entregar-nos mais aos nossos semelhantes, participarmos mais do ritmo que rege os problemas de

# INTERCÂMBIO COM TODOS OS PAÍSES DO MUNDO

**"COM OS AMERICANOS É DIFÍCIL COMERCIALIZAR" — A QUESTÃO DO FILME VIRGEM: GABE AO GOVERNO FORNECER DIVISAS PARA O CINEMA NACIONAL, COM O QUE FARÁ ECONOMIA... DE DIVISAS — "COMO CIDADÃO SOU CONTRA QUALQUER ESPÉCIE DE GUERRA"**

**ROBERTO ACÁCIO** é um jovem produtor do cinema brasileiro, que se tem dedicado com entusiasmo à criação da indústria cinematográfica entre nós. Sua participação no cinema vem desde "Puros", onde atuou como ator ao lado de Procópio Ferreira, isto quando o nosso cinema começava a dar seus primeiros passos... Como a profissão artística não lhe ofereceu garantias materiais cíduou de outra vida e hoje, é um técnico de finanças.

Contudo, o cinema continua a ser uma das suas maiores preocupações. Aguardava apenas uma oportunidade mais sória e esta veio no convite para participar como ator em "Caminhos do Sul", ao lado de Tonia Carrero, Maria Della Costa, Sady Cabral, Jackson de Souza e a cantora Marlene. Compreendendo a irregularidade da produção nacional e que, por isso, teria intermitente atuação nas telas brasileiras, resolveu fundar sua própria empresa, que denominou "Artistas Associados".

#### DE ATOR A PRODUTOR

Produziu «Perdida Pela Paixão», cujos resultados financeiros foram lamentáveis. Aliás, foi esta a última película em que apareceu como ator. Passou-se inteiramente para o grupo «que fica por traz das câmaras», dedicando-se exclusivamente à produção. Como produtor, já realizou as seguintes películas: "E' Fogo no Roupa", "O Peitôlo E' Nosso", "Carnaval em Marte", sempre associado a Watson Macedo; e em co-produção com mexicanos e argentinos, os filmes: "Mãos Sangrentas", (argumento baseado na célebre fuga dos presidiários de Anchieta), e "Leonor dos Sete Mares", argumento de Pedro Bloch, nosso consagrado escritor teatral.

Eis porque nos meios cinematográficos Roberto Acácio — cujo nome verdadeiro é Acácio Domingues Perel — apesar de sua juventude é considerado um veterano e, como produtor, o de mais sorte nos resultados de bilheteria...

Em virtude da crise por que passou nosso cinematografia no ano passado, caindo a nossa produção de forma alarmante, paralisando-se, quase, procurando-o para que, através de sua experiência como produtor, nos dissesse quais os meios que poderiam favorecer o desenvolvimento do cinema brasileiro.

**A DISTRIBUIÇÃO**  
— Em sua opinião quais os entraves com que se defronta o cinema brasileiro em seu desenvolvimento?

#### INTERCÂMBIO COM TODOS OS PAÍSES

— Que tem a dizer sobre sua experiência de co-produção?

— Acho que a co-produção não traz prejuízos para o cinema nacional desde que se façam filmes. Atualmente realiza co-produções com estúdios latino-americanos.

Creio que se deveria realizar convênios com qualquer país para produção de il-

mes em co-produção, acordos esses em bases reciprocas de tratamento. Isto permitiria a exibição desses filmes, em cada país, respeitando-se as leis protetoras do cinema de cada um.

— Como produtor brasileiro, foi tratado em pé de igualdade com as distribuidoras norte-americanas, no negociação com elas?

Roberto Acácio olhou-nos fixamente e respondeu com firmeza:

— Não! Não há essa possibilidade e por isso decidi de qualquer entendimento comercial.

Esta afirmação de Roberto Acácio vem provar o que sempre foi denunciado através dos congressos: do nosso cinema: os americanos são os que mais diretamente ameaçam o desenvolvimento da cinematografia brasileira.

— Que acha da idéia de se trocar filmes brasileiros por outros de outros países?

— Considero prematura a industrialização do filme virgem, porque ainda não há um mercado consumidor, capaz de absorver a produção e que justifique a existência, por ora, entre nós, dessa indústria. Além disso, ela implica em processo lento

de instalação e não seria de imediato que iria beneficiar o cinema nacional. Melhor seria o governo favorecer divisas para a compra de filme virgem, porque assim estaria economizando divisas.

Dou-lhe um exemplo concreto: cada filme nacional exibido é menos um filme estrangeiro em nossas telas. Num filme nacional gasta-se Cr\$ 150.000,00 com o filme virgem, enquanto o filme estrangeiro exibido, cuja renda segue para o exterior com um câmbio muito favorável, ainda em média pela casa de Cr\$ 1.500.000!

Qualquer um poderá perceber a vantagem para o Brasil se o governo facilitasse aos produtores nacionais a importação do filme virgem e de outros materiais para nossa indústria cinematográfica.

— Que acha da idéia de se trocar filmes brasileiros por outros de outros países?

— Quanto mais se ampliar o mercado exibidor tanto melhor para o desenvolvimento do nosso cinema. O intercâmbio cinematográfico seja com que país for, só poderá nos trazer grandes benefícios. Aliás, já me referi antes de que sou favorável aos convênios cinematográficos em igualdade de condi-

cões para ambas as partes.

— Que nos diz de suas duas últimas co-produções?

— «Mãos Sangrentas», com Arturo de Cordova, Tonio Carrero, Heloisa Helena, Sady Cabral, Carlos Corrêa, Jackson de Souza, Osvaldo Louzada, Cláudiano Filho e muitos outros artistas, além de uma quantidade enorme de extras, prende-se aos trágicos acontecimentos verificados com a fuga dos presidiários de Anchieta.

Essa produção tem como diretor o cineasta argentino Hugo Christensen, um grande entusiasta do Brasil, e que vai se radicar entre nós.

— Que acha da idéia de se trocar filmes brasileiros por outros de outros países?

— Considero prematura a industrialização do filme virgem, porque ainda não há um mercado consumidor, capaz de absorver a produção e que justifique a existência, por ora, entre nós, dessa indústria. Além disso, ela implica em processo lento

de instalação e não seria de imediato que iria beneficiar o cinema nacional. Melhor seria o governo favorecer divisas para a compra de filme virgem, porque assim estaria economizando divisas.

Dou-lhe um exemplo concreto: cada filme nacional exibido é menos um filme estrangeiro em nossas telas. Num filme nacional gasta-se Cr\$ 150.000,00 com o filme virgem, enquanto o filme estrangeiro exibido, cuja renda segue para o exterior com um câmbio muito favorável, ainda em média pela casa de Cr\$ 1.500.000!

Qualquer um poderá perceber a vantagem para o Brasil se o governo facilitasse aos produtores nacionais a importação do filme virgem e de outros materiais para nossa indústria cinematográfica.

— Que acha da idéia de se trocar filmes brasileiros por outros de outros países?

— Quanto mais se ampliar o mercado exibidor tanto melhor para o desenvolvimento do nosso cinema. O intercâmbio cinematográfico seja com que país for, só poderá nos trazer grandes benefícios. Aliás, já me referi antes de que sou favorável aos convênios cinematográficos em igualdade de condi-

cões para ambas as partes.

— Que nos diz de suas duas últimas co-produções?

— «Mãos Sangrentas», com Arturo de Cordova, Tonio Carrero, Heloisa Helena, Sady Cabral, Carlos Corrêa, Jackson de Souza, Osvaldo Louzada, Cláudiano Filho e muitos outros artistas, além de uma quantidade enorme de extras, prende-se aos trágicos acontecimentos verificados com a fuga dos presidiários de Anchieta.

Essa produção tem como diretor o cineasta argentino Hugo Christensen, um grande entusiasta do Brasil, e que vai se radicar entre nós.

— Que acha da idéia de se trocar filmes brasileiros por outros de outros países?

— Considero prematura a industrialização do filme virgem, porque ainda não há um mercado consumidor, capaz de absorver a produção e que justifique a existência, por ora, entre nós, dessa indústria. Além disso, ela implica em processo lento

de instalação e não seria de imediato que iria beneficiar o cinema nacional. Melhor seria o governo favorecer divisas para a compra de filme virgem, porque assim estaria economizando divisas.

Dou-lhe um exemplo concreto: cada filme nacional exibido é menos um filme estrangeiro em nossas telas. Num filme nacional gasta-se Cr\$ 150.000,00 com o filme virgem, enquanto o filme estrangeiro exibido, cuja renda segue para o exterior com um câmbio muito favorável, ainda em média pela casa de Cr\$ 1.500.000!

Qualquer um poderá perceber a vantagem para o Brasil se o governo facilitasse aos produtores nacionais a importação do filme virgem e de outros materiais para nossa indústria cinematográfica.

— Que acha da idéia de se trocar filmes brasileiros por outros de outros países?

— Considero prematura a industrialização do filme virgem, porque ainda não há um mercado consumidor, capaz de absorver a produção e que justifique a existência, por ora, entre nós, dessa indústria. Além disso, ela implica em processo lento

de instalação e não seria de imediato que iria beneficiar o cinema nacional. Melhor seria o governo favorecer divisas para a compra de filme virgem, porque assim estaria economizando divisas.

Dou-lhe um exemplo concreto: cada filme nacional exibido é menos um filme estrangeiro em nossas telas. Num filme nacional gasta-se Cr\$ 150.000,00 com o filme virgem, enquanto o filme estrangeiro exibido, cuja renda segue para o exterior com um câmbio muito favorável, ainda em média pela casa de Cr\$ 1.500.000!

Qualquer um poderá perceber a vantagem para o Brasil se o governo facilitasse aos produtores nacionais a importação do filme virgem e de outros materiais para nossa indústria cinematográfica.

— Que acha da idéia de se trocar filmes brasileiros por outros de outros países?

— Considero prematura a industrialização do filme virgem, porque ainda não há um mercado consumidor, capaz de absorver a produção e que justifique a existência, por ora, entre nós, dessa indústria. Além disso, ela implica em processo lento

de instalação e não seria de imediato que iria beneficiar o cinema nacional. Melhor seria o governo favorecer divisas para a compra de filme virgem, porque assim estaria economizando divisas.

Dou-lhe um exemplo concreto: cada filme nacional exibido é menos um filme estrangeiro em nossas telas. Num filme nacional gasta-se Cr\$ 150.000,00 com o filme virgem, enquanto o filme estrangeiro exibido, cuja renda segue para o exterior com um câmbio muito favorável, ainda em média pela casa de Cr\$ 1.500.000!

Qualquer um poderá perceber a vantagem para o Brasil se o governo facilitasse aos produtores nacionais a importação do filme virgem e de outros materiais para nossa indústria cinematográfica.

— Que acha da idéia de se trocar filmes brasileiros por outros de outros países?

— Considero prematura a industrialização do filme virgem, porque ainda não há um mercado consumidor, capaz de absorver a produção e que justifique a existência, por ora, entre nós, dessa indústria. Além disso, ela implica em processo lento

de instalação e não seria de imediato que iria beneficiar o cinema nacional. Melhor seria o governo favorecer divisas para a compra de filme virgem, porque assim estaria economizando divisas.

Dou-lhe um exemplo concreto: cada filme nacional exibido é menos um filme estrangeiro em nossas telas. Num filme nacional gasta-se Cr\$ 150.000,00 com o filme virgem, enquanto o filme estrangeiro exibido, cuja renda segue para o exterior com um câmbio muito favorável, ainda em média pela casa de Cr\$ 1.500.000!

Qualquer um poderá perceber a vantagem para o Brasil se o governo facilitasse aos produtores nacionais a importação do filme virgem e de outros materiais para nossa indústria cinematográfica.

— Que acha da idéia de se trocar filmes brasileiros por outros de outros países?

— Considero prematura a industrialização do filme virgem, porque ainda não há um mercado consumidor, capaz de absorver a produção e que justifique a existência, por ora, entre nós, dessa indústria. Além disso, ela implica em processo lento

de instalação e não seria de imediato que iria beneficiar o cinema nacional. Melhor seria o governo favorecer divisas para a compra de filme virgem, porque assim estaria economizando divisas.

Dou-lhe um exemplo concreto: cada filme nacional exibido é menos um filme estrangeiro em nossas telas. Num filme nacional gasta-se Cr\$ 150.000,00 com o filme virgem, enquanto o filme estrangeiro exibido, cuja renda segue para o exterior com um câmbio muito favorável, ainda em média pela casa de Cr\$ 1.500.000!

Qualquer um poderá perceber a vantagem para o Brasil se o governo facilitasse aos produtores nacionais a importação do filme virgem e de outros materiais para nossa indústria cinematográfica.

— Que acha da idéia de se trocar filmes brasileiros por outros de outros países?

— Considero prematura a industrialização do filme virgem, porque ainda não há um mercado consumidor, capaz de absorver a produção e que justifique a existência, por ora, entre nós, dessa indústria. Além disso, ela implica em processo lento

de instalação e não seria de imediato que iria beneficiar o cinema nacional. Melhor seria o governo favorecer divisas para a compra de filme virgem, porque assim estaria economizando divisas.

Dou-lhe um exemplo concreto: cada filme nacional exibido é menos um filme estrangeiro em nossas telas. Num filme nacional gasta-se Cr\$ 150.000,00 com o filme virgem, enquanto o filme estrangeiro exibido, cuja renda segue para o exterior com um câmbio muito favorável, ainda em média pela casa de Cr\$ 1.500.000!

Qualquer um poderá perceber a vantagem para o Brasil se o governo facilitasse aos produtores nacionais a importação do filme virgem e de outros materiais para nossa indústria cinematográfica.

— Que acha da idéia de se trocar filmes brasileiros por outros de outros países?

— Considero prematura a industrialização do filme virgem, porque ainda não há um mercado consumidor, capaz de absorver a produção e que justifique a existência, por ora, entre nós, dessa indústria. Além disso, ela implica em processo lento

de instalação e não seria de imediato que iria beneficiar o cinema nacional. Melhor seria o governo favorecer divisas para a compra de filme virgem, porque assim estaria economizando divisas.

Dou-lhe um exemplo concreto: cada filme nacional exibido é menos um filme estrangeiro em nossas telas. Num filme nacional gasta-se Cr\$ 150.000,00 com o filme virgem, enquanto o filme estrangeiro exibido, cuja renda segue para o exterior com um câmbio muito favorável, ainda em média pela casa de Cr\$ 1.500.000!

Qualquer um poderá perceber a vantagem para o Brasil se o governo facilitasse aos produtores nacionais a importação do filme virgem e de outros materiais para nossa indústria cinematográfica.

— Que acha da idéia de se trocar filmes brasileiros por outros de outros países?

— Considero prematura a industrialização do filme virgem, porque ainda não há um mercado consumidor, capaz de absorver a produção e que justifique a existência, por ora, entre nós, dessa indústria. Além disso, ela implica em processo lento

de instalação e não seria de imediato que iria beneficiar o cinema nacional. Melhor seria o governo favorecer divisas para a compra de filme virgem, porque assim estaria economizando divisas.

Dou-lhe um exemplo concreto: cada filme nacional exibido é menos um filme estrangeiro em nossas telas. Num filme nacional gasta-se Cr\$ 150.000,00 com o filme virgem, enquanto o filme estrangeiro exibido, cuja renda segue para o exterior com um câmbio muito favorável, ainda em média pela casa de Cr\$ 1.500.000!

Qualquer um poderá perceber a vantagem para o Brasil se o governo facilitasse aos produtores nacionais a importação do filme virgem e de outros materiais para nossa indústria cinematográfica.

— Que acha da idéia de se trocar filmes brasileiros por outros de outros países?

— Considero prematura a industrialização do filme virgem, porque ainda não há um mercado consumidor, capaz de absorver a produção e que justifique a existência, por ora, entre nós, dessa indústria. Além disso, ela implica em processo lento

de instalação e não seria de imediato que iria beneficiar o cinema nacional. Melhor seria o governo favorecer divisas para a compra de filme virgem, porque assim estaria economizando divisas.

Dou-lhe um exemplo concreto: cada filme nacional exibido é menos um filme estrangeiro em nossas telas. Num filme nacional gasta-se Cr\$ 150.000,00 com o filme virgem, enquanto o filme estrangeiro exibido, cuja renda segue para o exterior com um câmbio muito favorável, ainda em média pela casa de Cr\$ 1.500.000!

Qualquer um poderá perceber a vantagem para o Brasil se o governo facilitasse aos produtores nacionais a importação do filme virgem e de outros materiais para nossa indústria cinematográfica.

— Que acha da idéia de se trocar filmes brasileiros por outros de outros países?

— Considero prematura a industrialização do filme virgem, porque ainda não há um mercado consumidor, capaz de absorver a produção e que justifique a existência, por ora, entre nós, dessa indústria. Além disso, ela implica em processo lento

de instalação e não seria de imediato que iria beneficiar o cinema nacional. Melhor seria o governo favorecer divisas para a compra de filme virgem, porque assim estaria economizando divisas.

Dou-lhe um exemplo concreto: cada filme nacional exibido é menos um filme estrangeiro em nossas telas. Num filme nacional gasta-se Cr\$ 150.000,00 com o filme virgem, enquanto o filme estrangeiro exibido, cuja renda segue para o exterior com um câmbio muito favorável, ainda em média pela casa de Cr\$ 1.500.00

# "A Missão"

HAIR BATISTA

Com a publicação de seu último livro, «A missão», Ferreira de Castro, o grande romancista português, vem reafirmar, ainda com rústica ênfase, o seu lugar de destaque nas letras de sua pátria.

De Ferreira de Castro poder-se-á dizer que é um escritor que usa tinta e próprio sangue, tal a maneria viva e humana como apresenta os quadros que retrata; repletos de conflitos e amarguras mas nunca desprovidos de esperança, essa esperança no triunfo do homem e num mundo novo onde a exploração já não faz parte do ganha-pão da casta.

Neste último livro de Ferreira de Castro estão reunidas três novelas: a primeira, «A missão», que dá título ao livro; «A experiência», e «O Senhor dos Navegantes».

A primeira novela tem como cenário uma pequena cidade francesa, durante o avanço nazista. Descreve o panorama até então tranquilo de uma missão religiosa, cujo predio é exatamente igual ao da fábrica da mesma localidade.

O problema, em torno do qual gira a novela, é aparentemente de fundo psicológico: salvar a missão dos bombardeios nazistas. Para isso, seria necessário escrever sobre o telhado do edifício a palavra «Missão», o que desvaloraria para a fábrica o alvo das granadas inimigas.

O dilema, permitir o bombardeio da fábrica com seus cento e cinquenta operários e famílias, destruindo uma comunidade leiga com seus mafazeres necessários à vida do país, ou destruir a missão com seus doze missionários, incumbidos de salvaguarda dos bens espirituais da população, é posto em foco pelo autor, de forma admirável. Vemos a vida da missão alterando-se, os caracteres definindo-se, enquanto, como pano de fundo, a guerra aproxima-se da aldeia.

E preciso resolver... A missão ou a fábrica... Buscando no olhar e na atitude de esquina ou cada missionário, a aprovação de seu pensamento mais íntimo, o Superior conclui, aliviado, pela supremacia dos bens espirituais. A fábrica, mulheres e crianças, serão sacrificadas a palavra de Deus.

O alívio é geral. Mas elas que o imprevisto acontece. A guerra que parecia até então, mero ornamento justificativo do conflito psicológico, passa para o primeiro plano e como personagem principal, irrompe entre as paredes da missão. Os soldados de Hitler ocupam o edifício, acusam os missionários e após verificarem as comodidades do predio, ato se instala confortavelmente... e ordenam ao superior que escreva sobre o telhado a palavra «Missão» a fim de resguardá-la dos bombardeios aliados. E a noite termina.

O leitor não se pode turpar do impacto desse fecho inesperado, que transfere de maneira brusca o conflito psicológico e mental de uns poucos países ocupados unicamente na conservação da própria vida, para o plano da dinâmica da guerra em suas consequências mais brutais.

Já em «A experiência» o assunto é totalmente diver-

Ao escritor Jorge Amado, Bahia, Brasil.  
Caro Jorge,  
Queria escrever-te antes de minha viagem, porém  
não tive tempo: e na União Soviética menos, ainda.  
Lá o tempo vôlei. Não fiz a viagem ao Volga, tampouco estive no Tadjiquistão ou no Usbequistão. Nem houve desses planos se realizou dessa vez. Fiquei em Moscou, e passei os dias no arquivo Tolstoi.

Porque fiquei justamente lá, justamente hoje, numa hora que nos coloca a todos diante de problemas difíceis e novos — isto é, to explicar-lhe logo mais nesta carta. Antes, porém, peço-lhe um favor.

Não posso escrever a cada um de meus poucos e caros amigos tão freqüentemente como o desejaria — mas, como ao escrever a um deles, haverá muito na carta que diga de parte a todos — logo te a seguinte proposta: envia esta carta a Pablo Neruda, e que ele mande sua resposta primeiramente ao seu endereço. Quando a tiveres lido, manda-a para mim. Dessa modo teremos uma espécie de «carta em cadeia», semelhante àquelas que recebemos em criança. E assim pensamos juntos, nos diferentes confins do mundo, sobre as mesmas questões, como se estivéssemos reunidos na mesma sala...

PARA que comprehendas porque queria trabalhar no arquivo Tolstoi, lembra-te de uma conversa que tivemos com alguns amigos há muitos anos, no México. Tu te admiraste, então, de que fosse minha opinião poder o escritor aprender na tua de Tolstoi do que da maioria dos poetas epicos.

Tentei explicá-lhe, com o exemplo da arte mexicana de afrescos. Lá os nossos amigos pintores eram estreitamente ligados a seus problemas.

No inicio do movimento do afresco mexicano — logo após a primeira guerra mundial, quando chegou a nova da Revolução de Outubro, através dos dois oceanos, ao país ao Sul dos Estados Unidos — esforçaram-se os pintores em recriar sobre os muros os acontecimentos da história passada e do presente de seu povo de tal modo que qualquer pessoa simples pudesse compreender: a criança e o homem consciente. E aqui como lá, no nosso e no seu país, a questão é despertar e fortalecer o sentimento da dignidade humana e da dignidade nacional de um povo. Num país antigo, porém, apenas a meio colonizado, pelo afresco (porque lá só tem uma parte da população sabe ler e escrever) e aqui, num país fortemente industrializado, onde todos sabem ler e escrever, principalmente através do livro.

Em nossos países, a República Democrática Alema, onde o interesse de um círculo sempre crescente de leitores nos coloca, nós escritores, diante de tarefas totalmente novas — tarefas sociais e estéticas — há muito que os jornais e as conferências estão cheios de dissertações sobre questões teóricas. As cabeças se esquentam em discussões sobre, por exemplo, o que vêm a ser realismo e o que deixa de ser. Obras escritas e pintadas são criticadas como «formalistas», muitas vezes com razão, e, por vezes, também sem razão.

Sempre houve tais discussões no inicio de épocas em que um novo conteúdo teve de criar sua forma nova e a velha forma era ou parecia «formalista», isto é, sem conteúdo. Isto mesmo queria exprimir o velho Vasari quando escrevia que

ainda ontem o maior de todos era Cimabue (com suas Madonas e Santos pintados no estilo da Idade Média), mas, hoje, o nome que estava na boca de todos, era o de Giotto.

O pintor que representava o homem simples italiano. Este foi o inicio do realismo da Renascença.

PABLO — me escreveu que os artistas sul-americanos — como, aliás, também nós — discutem principalmente questões da cultura. E isto se dá agora em todos os países onde há artistas que se sentem obrigados para com o seu povo. Segundo a sua exclamação, refletiu sobre o que é para nós o «típico» e o que significa «conflieto».

Um escritor entranhado na realidade, sente o desejo de repartir um aspecto muito específico da vida, um aspecto que por diversas razões, lhe toca mais de perto: escolhe, resumindo segundo seu talento, de seu caráter, etc. Não é só, porém, que possa estar certo de quais as personagens a apresentar, antes de começar a trabalhar, sejam



OPERARIO -- Desenho do artista Newton REZENDE



A PINTORA DJANIRA QUANDO FALAVA AO NOSSO REDATOR

ENTREVISTA COM DJANIRA

## PRECISAMOS CONHECER A NOSSA REALIDADE

“JÁ ASSINEI O APÉLIO CONTRA A BOMBA ATÔMICA” — A ARTISTA NO RECONCÁVO BAIANO ENTRE OS TRABALHADORES DE CANA E DO FUMO — QUADROS PARA O MUSEU DE ANTUBES

OS ARTISTAS E A AMEAÇA DE GUERRA ATÔMICA

A conversa se demora sobre a Bahia. Perguntamos a Djaniira quais os seus planos:

— E o movimento artístico em Salvador.

— Cheguei num instante, pouco frequente, infelizmente, de animação: o do IV Salão Bahiano de Belas-Artes. Parece que foi melhor que os anteriores. Pancetti esteve

— Realizar os trabalhos

— apena anotados durante a viagem. Pena é que todos

— nos trabalhemos sob essa atmosfera terrível de ameaça de guerra atômica. As

— Do ponto-de-vista plástico a Bahia é qualquer coisa de inesgotável, de infinito.

Djaniira, a querida pintora brasileira, que fala ao repórter. Acaba de voltar de Salvador, onde esteve em gozo do Prêmio de Viagem no País, conquistado no Salão Nacional de 1953. Oui no ano de 1952? Não é que nos faltasse a memória, é que tanto assim demoraram a ser pagos tais prêmios oficiais. O artista laureado jamais saiu quando o receberá, o julgamento favorável do Juri do Salão não lhe permite fazer planos: sómente viajará quando, anos mais tarde, receber a importância do prêmio. Rebolo Gonzalez, premiado com viagem ao estrangeiro, no Salão Preta e Branca, há um ano atrás, até hoje continua em São Paulo.

— Na Bahia — diz-nos Djaniira — os temas surgem em cada esquina. Além disso, há tanta coisa além de Salvador...

— Você visitou outras cidades?

— Várias. Estive em boa parte do Recôncavo: Caçoeira, São Félix, Muritiba, Cruz das Almas. O artista precisa conhecer também o Interior. E eu estava muito interessada em recolher peças de arte popular e em um contato mais vivo com a cultura folclórica.

COM OS TRABALHADORES DOS CANAVIAIS

— O Recôncavo — recorda-nos Djaniira — é a região da cana e do fumo. Entre em contato com os trabalhadores das lavouras e da indústria canavieira e com os plantadores e operários dos armazéns do fumo. Tomé de sua vida diária inúmeras apontamentos para desenhos e telas.

— E essa vida...

— Incrível. Miséria idêntica a de um século atrás. Profundamente doloroso. Mas, pergunte, não é que o artista conhecer a realidade de seu país e de seu povo? Lembrasse dos versos de Antônio Dóttos: «Que é dos pintores desse meu país estranho, onde estão elas que não vêm pintar? A realidade — temos por mais terrível que seja fala à nossa sensibilidade, sentimo-la no sangue, devemos compreendê-la. Sómente assim podemos chiar sobre elas e ajudar nossa gente a lutar contra elas.

— Preocupe-se com...

— — comunica-nos a pintora — — com estudar um pouco as artes populares, especial-

Djaniira junto a alguns dos objetos de arte popular que trouxe da Bahia

muito bem representado e assim também Volpi, Renato, Scliar e alguns outros. Ótima, a seção de gravuras. E a revelação de um jovem cheio de qualidades: Jenner Augusto. Pena que viva bastante isolado dos centros de vida mais intensa. Os paulistas brilharam neste Salão: souberam prestigiá-lo como merece.

ONDE APARECE MME. COUTOLLY

— Vendeu na Bahia alguns dos seus trabalhos?

— Um episódio curioso da viagem foi o encontro, em Salvador, com Mme. Coutolly, diretora do Museu de Antunes. Eu mantinha um pequeno atelier num sótão muito saboroso no Corredor da Lapinha. E foi sob terrível chuva de verão que Mme. Coutolly surgiu no sótão, de guarda-chuva aberto, viu e comprou vários dos meus óleos e gouaches, feitos em Salvador, para aquele Museu.

coisas que tenho lido sobre os efeitos das armas nucleares são de estarrecer.

— Mas...

— Escute. Isto também diz respeito à arte, a todas as artes, a todas as pessoas. Ainda não comecei o meu trabalho mas já assinei o apelo para interdição das armas nucleares lançado pelo Bureau do Conselho Mundial da Paz. Ninguém pode hesitar diante de tão terrível ameaça. Nós, artistas, somos contra a guerra. Nós buscamos a beleza e criamos para a vida, a morte é menor.

Em sua casa simpática de Laranjeiras, entre as plantas que lhe deu o paisagista Burle Max, cercada de objetos de arte popular, Djaniira realiza agora novos trabalhos. Gosta da Bahia, que já lhe deu tantos quadros bonitos, dessa vez tomou de fontes puras um material que lhe permitirá, sem dúvida, êxitos novos e ainda maiores.

NADA houve de preestabelecido. Nada houve de construído de antemão. E não poderia ter sido diferente, porque a história da origem de «Guerra e Paz» não se iniciou com «Guerra e Paz». Começou com o projeto de um romance completamente diferente. Lá pelo mês de novembro de 1860, mais ou menos, Tolstoi começou um romance «Os Decembristas». (O fragmento foi traduzido em várias línguas). Este romance, que se tornaria quase atual, caracteriza, como introdução, a época que se segue aos acontecimentos de Sebastopol e à guerra da Crimeia, dos quais Tolstoi participou:

“Por duas vezes estivemos muito agitados. Na primeira vez, quando batemos Napoleão I e, pela segunda, quando Napoleão III nos bateu”.

A ação começo com uma carruagem que chega, após longa viagem, diante de uma estalagem, e na qual se acham um casal com dois filhos adultos: após dezenas de anos de deserto Alexandre III permitiu aos decembristas brevemente retornar.

Nesta versão dos «Decembristas» aparece uma certa Natacha. Frequentia a sociedade. Fica noiva. Aparece um certo Pierre e se apaixona pela noiva. O primeiro noivo desiste. Um ano após seu casamento, Natacha segue seu marido Pierre para a Sibéria.

Conhece Natacha e Pierre de «Guerra e Paz». Ao ler as últimas páginas, deves supor que Pierre, que volta de uma viagem para junto da mulher e dos filhos, vai se ligar a um grupo de decembristas.

Como por vezes poderá ver esboços num caderno de pintor, um sobre o outro, até que o artista encontra, definitivamente, os contornos de uma figura e, sobre os traços anteriores os desenha firmemente, assim sentes nestas versões mais antigas o caráter de uma Natacha, sua graça e sua indefinição, até que, finalmente, se apresenta em contornos nítidos.

Tolstoi, primeiramente, nada publicara deste fragmento. Por consti de sua visita a Londres, no ano de 1861, Herzen muito lhe contou sobre a vida dos decembristas. Leu detalhes na revista «Estrela Polar» que lá se editava. Preocupou-o, principalmente, a pergunta: por que pessoas jovens ricas e felizes que tinham diante de si uma vida brilhante, ter-se-iam resolvido a aceitar sofrimentos e sacrifícios?

Os decembristas, que voltavam da Sibéria em 1846, davam todavia uma impressão de maior vitalidade e frescura do que seus amigos da mesma idade que, no entanto, haviam continuado a sua vida calma nas fazendas e casas. Queriam penetrar no íntimo de seus heróis, viver intensamente. Arealmente, a obra de Tolstoi, a invasão é um resumo da Idade Tudo é permitido». Ele arruina os outros, e se arruina também. Na obra de Tolstoi, a invasão é uma realidade. E no mesmo tempo, ele esclarece o que se passa no íntimo dos homens, que não são imunes ao contágio das idéias. O Conde Andréi, no inicio, é embrulhado pelo desejo de glória e poder. Quer levantar a bandeira “como Bonaparte na ponte de Lodi”.

Este tema empolgou todos os grandes romancistas do realismo crítico. Stendhal, Balzac, etc. sentiram o efeito da idéia napoleônica do poder sobre a juventude, como um dos temas mais importantes de sua época e o aproveitaram sob múltiplas formas. Há em nossa época romances em que se mostram os fascistas e militaristas como exploradores e fomentadores de guerra, sua caça aos lucros suas invasões, suas aventuras guerrilheiras. Mas a penetração das idéias no íntimo dos homens que os empolgavam, que os desintegravam e os paralisavam não é desventura.

Tolstoi, em sua época mostrou as duas causas: a penetração interna e externa do inimigo, sua derrota na guerra e a superação de suas idéias. Apresentou todo o seu poder e o fôrte da tal manobra que compreendemos como teve forças para libertar seu país. Apresentou cada um dos homens russos de tal modo que compreendemos a participação específica de cada um na libertação.

Os pontos de interseção entre o desenvolvimento da ação histórica e o desenvolvimento de um destino particular parecem intencões necessárias de linhas que acompanhamos desde o inicio. Mas, porque será que escolheu justamente aquela época e não uma outra? Porque estes personagens e não outros? Porque estes conflitos e não outros? Meditamos sobre a mesma questão — em ocasiões que para nós extremamente importantes, embora muitíssimo menores — que então Tolstoi colocava a si mesmo: por que se verifica tantas vezes no leitor aquela sensação de encantamento, falta de franqueza e falta de fôrte ao ler as obras patrióticas de 1812?

Meditamos sobre a mesma questão — em ocasiões que para nós extremamente importantes, embora muitíssimo menores — que então Tolstoi colocava a si mesmo:

“Por que se verifica tantas vezes no leitor aquela sensação de encantamento, falta de franqueza e falta de fôrte ao ler as obras patrióticas de 1812?”

Meditamos sobre a mesma questão — em ocasiões que para nós extremamente importantes, embora muitíssimo menores — que então Tolstoi colocava a si mesmo:

“Por que se verifica tantas vezes no leitor aquela sensação de encantamento, falta de franqueza e falta de fôrte ao ler as obras patrióticas de 1812?”

Meditamos sobre a mesma questão — em ocasiões que para nós extremamente importantes, embora muitíssimo menores — que então Tolstoi colocava a si mesmo:

“Por que se verifica tantas vezes no leitor aquela sensação de encantamento, falta de franqueza e falta de fôrte ao ler as obras patrióticas de 1812?”

Meditamos sobre a mesma questão — em ocasiões que para nós extremamente importantes, embora muitíssimo menores — que então Tolstoi colocava a si mesmo:

“Por que se verifica tantas vezes no leitor aquela sensação de encantamento, falta de franqueza e falta de fôrte ao ler as obras patrióticas de 1812?”

Meditamos sobre a mesma questão — em ocasiões que para nós extremamente importantes, embora muitíssimo menores — que então Tolstoi colocava a si mesmo:

“Por que se verifica tantas vezes no leitor aquela sensação de encantamento, falta de franqueza e falta de fôrte ao ler as obras patrióticas de 1812?”

Meditamos sobre a mesma questão — em ocasiões que para nós extremamente importantes, embora muitíssimo menores — que então Tolstoi colocava a si mesmo:

“Por que se verifica tantas vezes no leitor aquela sensação de encantamento, falta de franqueza e falta de fôrte ao ler as obras patrióticas de

# UMA LITERATURA A SERVIÇO DA PAZ E DO FUTURO DO HOMEM

Jorge AMADO

(Quinta de uma série de reportagens)

UMA LITERATURA MUL-  
TINACIONAL (O INFOR-  
ME DE ALEKSI SURKOV  
E ALGUMAS INTERVEN-  
ÇOES DE DELEGADOS DE  
REPÚBLICAS FEDERADAS  
E AUTONOMAS)

O poeta Pávio Titchna foi quem, na sessão solene de encerramento do II Congresso, saudou os escritores estrangeiros presentes, num discurso de admirável sensibilidade literária. Tratava-se de um dos nomes mais ilustres da literatura soviética, poeta colocado ao lado — e por muitos mesmo à frente — de Tvardowski, de Pasternak, de Tikhonov, de Martynov, de Aseyev, entre os maiores. Titchna foi eleito membro da Presidência da União de Escritores pelo II Congresso e membro do Presidium da Presidência (especial de diretor). Quanto à sua popularidade na URSS: nos últimos anos seus livros de poemas circularam em dois milhões e trinta e um mil exemplares. Titchna está colocado entre os 5 poetas vivos de maior tiragem no País dos Soviets, sobrepujado apenas por Tikhonov e Tvardowski. Trata-se de um poeta não russo, da República Soviética da Ucrânia, que escreve em língua ucraniana.

Se um visitante qualquer, curioso de saber algo sobre a dramaturgia soviética, fizer um inquérito entre os escritores e o público na República Federativa Russa — falo da República Soviética Russa e não da União Soviética muito a propósito — para saber qual o mais popular e importante dramaturgo soviético atual, a maioria das respostas apontará o nome de Alexandre Korneichuk, escritor ucraniano, de língua ucraniana. A sua popularidade como autor de teatro excede mesmo à dos maiores dramaturgos russos atuais, Vichnevskiy, Leonov, Simonov, Sufrovon.

O romancista Alexandre Gonchar vendeu nos últimos anos quase 3 milhões de exemplares dos seus livros. Trata-se de um romancista de língua ucraniana. Os livros dos ucranianos Yaroslav Galan, de Sobko, de Rilak, de Rilevki andam pela casa dos dois milhões de exemplares de tiragem. Contam-se esses nomes entre os mais populares em toda a União Soviética.

A literatura ucraniana, antes do advento do Poder Soviético, era uma literatura oprimida como o era a nação ucraniana. Oprimida pela Rússia tsarista, pela Polônia feudal, perseguida, impossibilitada de exprimir-se completamente, com sua língua nacional considerada como inferior, fadada a desaparecer, a ser substituída ou pelo russo ou pelo polaco. Sobre os camponeses da Ucrânia pesava a opressão dos nobres russos, dos condados polacos. Sobre os seus escritores abatia-se a perseguição dos senhores estrangeiros. Hoje o quadro mudou por completo. A Revolução de Outubro libertou o povo ucraniano da opressão do tsarismo e, na última guerra, a parte ainda oprimida pela Polônia então semifeudal foi reincorporada à Ucrânia, a uma Ucrânia agora livre, onde a fartura cresce a lado da cultura transformada num bem de todos.

INDA em janeiro eu estava em Kiev, entre os escritores ucranianos, muitos dos quais haviam participado do II Congresso. Nenhuma distinção se faz, em toda a URSS, entre um escritor russo e um ucraniano ou um escritor de qualquer outra entre as múltiplas nacionalidades soviéticas. A única distinção existente é aquela que marca a forma da obra de criação de um russo e a de um ucraniano, a de um tadzjik e a de um arménio, as características nacionais de cada uma delas. O leitor russo não mantém nenhum preconceito em relação aos escritores de qualquer outra nacionalidade. Eles porque o ucraniano Korneichuk é em geral considerado pelo público russo o maior dramaturgo soviético atual. Ao contrário, em lugar de preconceito, o que podemos constatar é a ansia de ajudar, a alegria

ao mandar saudar o aparecimento de novas literaturas nacionais, de escritores de povos oprimidos, anseios mergulhados no obscurantismo.

Poderá, no entanto, perguntar: como pode, em relação às condições materiais

base de cada 15 mil exemplares, o escritor receber 2 ou 3 ou 4 mil rublos, se é estreante, ou um escritor já conhecido ou um escritor que possui o Prêmio Stálin, respectivamente. Assim, por exemplo, tomemos um estreante, cujo livro venha a

exemplares dos prosadores e 70 mil dos poetas, creio que até os 150 ou 200 mil, não recorde bem, o autor passa a receber 80% dos direitos iniciais e depois, à proporção que a edição cresce, ele recebe uma porcentagem menor, até atingir 50% dos direitos iniciais, que é recebido venda quanto vender seu livro. Ou seja: até 75 mil exemplares um prosador recebe 2 mil, 3 mil ou 4 mil rublos, conforme sua categoria de estreante, de já conhecido ou de laureado com o Prêmio Stálin, por cada caderno tipográfico de 16 páginas sobre 15 mil exemplares. A partir daí ele recebe 80, 70, 60, 50 por cento desses dois, três ou quatro mil rublos por caderno, sobre cada tiragem de 15 mil exemplares. Se alguém coloca há a dizer é que parece até dinheiro demais. Dinhério que, em geral, os escritores aplicam em viagens o país, em bem conhecer a vida de seu povo, em poder trabalhar longe e pacientemente suas obras, sem estarem sujeitos às necessidades que levam a terminar um livro «em cima da perna» para receber magros cruzetos.

TUDO isso eu tento explicar para chegar a um detalhe da lei soviética de direitos autorais. Quando um escritor de língua russa tem um livro seu traduzido para uma das outras línguas da URSS é que recebe, pela tradução, direitos muitos baixos, considerando-se que ele se beneficia, na publicação inicial do seu livro, do grande público de língua russa, o maior da União. Ao contrário, quando um escritor de outra língua, um estoniano, por exemplo, é traduzido para o russo, ele recebe pela mais alta tabela e não sofre, na multiplicação da tiragem, nenhuma redução nos seus direitos. Esse sábio parágrafo da lei de direitos autorais cria um equilíbrio entre os direitos recebidos pelos escritores das diversas nacionalidades soviéticas, estabelece um nível de vida equilibrado entre todos eles, evita uma superlotação material do escritor de língua russa sobre os escritores das demais línguas da União Soviética.

Falamos dos ucranianos, de alguns deles apenas, se fôssemos falar de todos eu transformaria essa reportagem num catálogo de nomes, títulos e números. Falemos agora dos bielo-russos, dos georgianos, dos arménios, de literaturas que, como a ucraniana, eram tradicionais, que existiam já antes do Poder Soviético. Existência é verdade, de opressão, limitada e difícil. Para tais povos, a literatura foi sempre arma de combate contra a opressão nacional, foi instrumento básico para a preservação e o desenvolvimento da língua materna, foi tijolo e barro fundamentais na construção da nacionalidade e na sua defesa. Literaturas limitadas, curvadas ao peso da opressão tsarista, da opressão social e nacional.

Tomenos a literatura arménia, por exemplo. Aos pés do Monte Ararat vive hoje um povo livre, próspero e feliz. Erivan é um encanto de cidade, entre flores e vinhedos. Ali habita um grande mestre da literatura, nome bem conhecido no mundo ocidental, pois muitas de suas obras estão traduzidas em francês e inglês, em alemão e em italiano: Avetik Isaakian. Isaakian viveu grande parte de sua longa existência (é homem de cerca de 80 anos, atualmente) exilado, na França, nos Estados Unidos, pois sua pátria sofria a opressão assim o seu preço de venda dependente do preço de custo, do volume de páginas, do custo da edição. Na URSS, o escritor recebe por número de palavras escritas. Para o cálculo do pagamento dos direitos é tomado um certo formato de livro e sóbre cada caderno tipográfico de 16 páginas, naquele formato e em determinado tipo de letra de imprensa, na

ser publicado numa edição de 75 mil exemplares, edição nada excepcional na URSS. Que seu livro tenha 320 páginas, o que perfaz 20 cadernos de 16 páginas. Como estreante ele receberá 2 mil rublos por caderno, ou seja, 2 mil rublos vezes 20 cadernos, o que é um primeiro total de 40 mil rublos. Mas isso para 15 mil exemplares. Se multiplicarmos esses 40 mil rublos por 5 (pôs 5 vezes 15 são 75) temos que ele ganhará por essa edição de 75 mil exemplares a quantia fabulosa de 200 mil rublos ou, ao câmbio atual, 50 milhões de dólares, e ainda, ao câmbio do dia (75 cruzados o dólar) teremos 3 milhões e setecentos e cinqüenta mil cruzados. Mas deixemos de parte essa colha de milhares de exemplares, que é artificial do ponto de vista da opressão, e vejamos a situação em relação à vida soviética. Se considerarmos que mil rublos é um salário mensal normal e que com 3 mil rublos mensais se vive na URSS como um milionário no Brasil, vemos que um escritor, num país onde o nível não é industrial, particular, não é fonte de renda para editoras e livreiros, onde o livro é considerado — como o pão, a carne, o leite, as verduras — elemento indispensável à vida, não sendo assim o seu preço de venda dependente do preço de custo, do volume de páginas, do custo da edição. Na URSS, o escritor recebe por número de palavras escritas. Para o cálculo do pagamento dos direitos é tomado um certo formato de livro e sóbre cada caderno tipográfico de 16 páginas, naquele formato e em determinado tipo de letra de imprensa, na

Após os primeiros 75 mil

exemplares dos prosadores e 70 mil dos poetas, creio que até os 150 ou 200 mil, não recorde bem, o autor passa a receber 80% dos direitos iniciais e depois, à proporção que a edição cresce, ele recebe uma porcentagem menor, até atingir 50% dos direitos iniciais, que é recebido venda quanto vender seu livro. Ou seja: até 75 mil exemplares um prosador recebe 2 mil, 3 mil ou 4 mil rublos, conforme sua categoria de estreante, de já conhecido ou de laureado com o Prêmio Stálin, por cada caderno tipográfico de 16 páginas sobre 15 mil exemplares. A partir daí ele recebe 80, 70, 60, 50 por cento desses dois, três ou quatro mil rublos por caderno, sobre cada tiragem de 15 mil exemplares. Se alguém coloca há a dizer é que parece até dinheiro demais. Dinhério que, em geral, os escritores aplicam em viagens o país, em bem conhecer a vida de seu povo, em poder trabalhar longe e pacientemente suas obras, sem estarem sujeitos às necessidades que levam a terminar um livro «em cima da perna» para receber magros cruzetos.

UM dos escritores mais populares da URSS é o bielo-russo Yanka Kupala (quereremos números? Quatro milhões de exemplares de livros seus foram vendidos nos últimos anos) e entre os primeiros poetas conta-se outro bielo-russo: Yakub Kolas. No seu discurso no II Congresso, Cholokov, numa pequena lista dos escritores que, a seu ver, mais se haviam destacado, após a guerra, na literatura soviética, cita, a Kolas. Aliás nessa lista de apenas 12 nomes, Cholokov cita além do bielo-russo Kolas, o ucraniano Gonchar, o kazak Auésov, ao letão Upits.

Outros dos grandes poetas soviéticos é o georgiano Georgi Leonidze, hoje celebrado em toda a União Soviética, um homem forte e risonho, admirável palestrador, com quem viajei a Geor-



O escritor russo de literatura infantil, M. Balakov, entre dois escritores georgianos Abashidze e G. Tabidze

bos populares da União Soviética, ambos Deputados ao Soviet Supremo da URSS, autores de poemas cuja forma é completamente diversa num e noutra poeta, pois são ambos autenticamente nacionais, ao mesmo tempo que são profundamente soviéticos. Dois homens diferentes e dois destinos semelhantes, pois não fora o Poder Soviético e não existiam esses dois altos poetas, de poesia culta e profunda. Seriam (quem sabe?) pastores nómades, vagabundos nas estradas ou oprimidos servos da terra, no máximo bárbaros anônimos e semianalfabetos. O Poder Soviético possibilitou-lhes, como aos seus povos dos quais eles são símbolos eminentes, a cultura, deuses o direito a poesia, a dominar a técnica poética, a se tornarem mestres de sua arte.

FALAMOS de um velho poeta, falemos agora de um jovem prosador; falemos de um kazako, falemos agora de um kirguiz, de Tugelbai Sidiqbekov. O povo da Kirguizia era, como o povo kazako, oprimido, negava-lhe o direito ao pão e ao livro. A literatura da Kirguizia reduzia-se a poesia dos bárbaros camponeses. Não existia nenhuma expressão literária em prosa e coube a Sidiqbekov, que tinha cinco anos de idade quando da chegada do Poder Soviético, filho de pastores nómades, criar as primeiras novelas em língua nacional de seu povo. Começou como poeta mas logo depois enveredou pelos caminhos do romance: «Kensai» e «Temir» são os títulos de seus primeiros romances, os primeiros também da literatura da Kirguizia. Hoje seu nome é célebre em toda a URSS e mais além das fronteiras da URSS, pois seu último romance, «Homens dos Nossos Dias», está traduzido não só nas línguas soviéticas, mas também em polaco, em búlgaro, em rumeno, em tcheco, em húngaro. Desses livros já foram vendidos em russo mais de 600 mil exemplares. Qual seria o destino de Sidiqbekov se, em lugar da URSS, existisse ainda hoje a Rússia tsarista? Pastor nómade, certamente, e a novelística kirguizia não teria sido criada. Eu o encontro, agora, no II Congresso dos Escritores Soviéticos e o vi, na tribuna, falando da literatura do seu povo, seus poemas geniais, que formam em realidade um único grande, imenso poema. Nas festas populares, nos casamentos, nas aldeias camponesas, nos batizados e nos enterros, a sua poesia era a crônica dolorosa da vida do povo kazako. Quase um mendigo, e como mendigo o tratavam os «bels» latifundiários e os nobres russos que por ali passavam. Por vezes «bels» e autoridades russas faziam vir para ouvi-lo e ele se sentava num canto da sala, humilhado e ofendido, sem que sequer lhe dessem a mão a apertar. Jogavam-lhe algumas moedas quando ele terminava seu canto de dor e muitas vezes de revolta, canto de onde a esperança jamais desapareceu. Como um mendigo o tratavam, jamais ninguém quis ver na sua poesia, improvisada ao som do seu instrumento, senão algo de pitoresco, esse pitoresco da miséria que tanto atraí certos grâficos. No entanto, era o bardo grandioso de todo um povo que assim marchava pelas estradas. Os camponeses o amavam, os trabalhadores aprendiam na sua poesia. Ele continuava a cantar, para isso nasceria. Quando chegou o Poder Soviético, trazido pelas mãos do proletariado russo, nascido do gênio de Lênin e Stálin, ele compreendeu, com a aurora nascerá para seu povo e sua poesia elevou-se para saudar o poder dos operários. Já era um homem idoso, de mais de 60 anos. Pobre vagabundo das estradas, vivendo de moedas.

UM dos melhores romances históricos que li nos últimos anos é de autoria de um prosador do Usbequistão: Kusá Albek. O romance se intitula «Alexer Navoi» e narra a vida do grande poeta e sábio usbeco no longínquo tempo em que o império usbeco construiu as maravilhas de Samarkand. Vi-shei Samarkand em 1951 e foi com a leitura do livro de Albek que me preparei para melhor compreender e amar esse povo do Usbequistão que, após tanta grandeza, caiu sob a submissão estrangeira e conheceu os duros séculos de sofrimento e miséria. Libertado também pelo Poder Soviético, o povo do Usbequistão viu chegar o tempo sonhado por Navoi, o tempo da cultura nas mãos de todos os homens. Um dos primeiros decretos do Poder Soviético foi aquele que fundou a Universidade da Ásia Central, em Tashkent, capital do Usbequistão. Nessa cidade de Tashkent assisti a uma representação de Shakespeare em língua usbeca no grande teatro (que é um primor de arquitetura nacional) que leva o nome de Navoi.

Ídêntica era a situação da Turcoménia, idêntica a situação do povo turcomeno e dos fronteiras da Turcoménia e das da URSS para ser grandiosamente estimado. Seus romances estão traduzidos em diversas línguas e do último deles já circulam, só na URSS, um milhão e cem mil exemplares.

Falei de um escritor de certa forma, não era o vagabundo, o grande poeta do seu povo. Só então ele aprendeu a ler. Só então ele formava uma única grande epopeia da vida kazaka — foram escritos, até então eram conservados, pela tradição oral. Sua poesia mudou também de sofrimento e de opressão terminaria. Sua poesia cantava e saudava o poder dos operários. Já era um homem idoso, de mais de 60 anos. Pobre vagabundo das estradas, vivendo de moedas.

Para o Poder Soviético,

gênero, por exemplo. Aos pés do Monte Ararat vive hoje um povo livre, próspero e feliz. Erivan é um encanto de cidade, entre flores e vinhedos. Ali habita um grande mestre da literatura, nome bem conhecido no mundo ocidental, pois muitas de suas obras estão traduzidas em francês e inglês, em alemão e em italiano: Avetik Isaakian. Isaakian viveu grande parte de sua longa existência (é homem de cerca de 80 anos, atualmente) exilado, na França, nos Estados Unidos, pois sua pátria sofria a opressão assim o seu preço de venda dependente do preço de custo, do volume de páginas, do custo da edição. Na URSS, o escritor recebe por número de palavras escritas. Para o cálculo do pagamento dos direitos é tomado um certo formato de livro e sóbre cada caderno tipográfico de 16 páginas, naquele formato e em determinado tipo de letra de imprensa, na

que em 1948 e que, agora, em Moscou, no Congresso, falava com entusiasmo da literatura de sua pátria, sobre o direito de criação de um poeta que sempre possuía um grande conteúdo demográfico e humano. Contudo que se aprofundou e engrandeceu com o advento do Poder Soviético, que libertou a literatura georgiana da opressão em que viveu durante séculos. Literatura progressista a partir, dizia ele, do clássico Rustaveli até os poetas de hoje. E estava toda uma galeria de nomes: Guramishvili, Tbilissi, Chavchavadze, Baratashvili, Pshavela, Tsereteli, Nonashvili, Abashidze.

traversaram a casa do milhão de exemplares. O romance «A Luz em Koordi», do estoniano Hans Leberecht, está traduzido em uma vintena de línguas e outro estoniano, Yakobson, conta-se entre os escritores soviéticos de maior público. E ainda há quem chore lágrimas de crocodilo (pagam em dólares norte-americanos), nos Congressos de provocação dos Camus e outros Gorkins, só sobre os escritores dos países que se defendem. Literatura progressista a partir, dizia ele, do clássico Rustaveli até os poetas de hoje. E estava toda uma galeria de nomes: Guramishvili, Tbilissi, Chavchavadze, Baratashvili, Pshavela, Tsereteli, Nonashvili, Abashidze.

As LITERATURAS dos países bálticos — Letônia, Lituânia, Estônia — só puderam desenvolver-se livremente após a incorporação desses países à União Soviética. Só então criaram-se para os seus escritores condições de trabalho, de liberdade de criação, capazes de possibilitar um rápido e profundo desenvolvimento dessas literaturas. Os melhores escritores desses países encontravam-se, artes de 1940, perseguidos e na prática impossibilitado de criar. Mesmo aqueles que buscavam adaptar-se às exigências dos governos reactionários e fascistas, limitavam-se às fronteiras de um público de pequeno país, de língua falada por uma comunidade reduzida. Hoje o público de um romancista como Laciis, escritor da nova Letônia soviética não é apenas o imenso público da União Soviética, de dezenas

de países, mas o seu povo mas de dezenas de países.

CONCLUI NA 2 PÁG.



O romancista uruguai Alfredo Gravina («Fronteiras al Vento»), o poeta hindu Jatir e o romancista brasileiro Jorge Amado, convidados ao II Congresso, percorrem a exposição sobre a literatura soviética